



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

**Ô ABRAM ALAS QUE AS CIÊNCIAS VÃO PASSAR:  
OS ENREDOS DE ESCOLAS DE SAMBA COMO INSTRUMENTO PARA  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

**VÍVIAN CAROLINE DA SILVA PEREIRA**

**ORIENTADOR:  
Manoel Ricardo Simões**

**Mesquita  
2019**

Vívian Caroline da Silva Pereira

**Ô ABRAM ALAS QUE AS CIÊNCIAS VÃO PASSAR:**  
OS ENREDOS DE ESCOLAS DE SAMBA COMO INSTRUMENTOS PARA  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Manoel Ricardo Simões

Mesquita - RJ

2019

P436a

Pereira, Vivian Caroline da Silva.

Ô abram alas que as ciências vão passar: os enredos de escolas de samba como instrumentos para divulgação científica. – Rio de Janeiro: Mesquita, 2019.

59 p.

Trabalho de Conclusão (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2019

Prof.º Drº. Manoel Ricardo Simões.

1. Divulgação Científica. 2. Carnaval.

I. Pereira, Vivian Caroline da Silva. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

TCC/IFRJ/CMesq EDC/PG

Vívian Caroline da Silva Pereira

Ô ABRAM ALAS QUE AS CIÊNCIAS VÃO PASSAR -  
OS ENREDOS DE ESCOLAS DE SAMBA COMO INSTRUMENTOS PARA  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

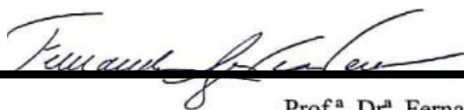
Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte  
dos requisitos necessários para a obtenção do título de  
especialista em Educação e Divulgação Científica.

Data da aprovação: 13 de dezembro de 2019



---

Professor Doutor Manoel Ricardo Simões (Orientador)  
IFRJ Mesquita



Profª Drª Fernan  
Professora Doutora Fernanda Veneu  
CEFET



---

Professor Doutor Osmar Soares Filho  
CPII

Mesquita - RJ

2019



Dedico este trabalho a toda minha família, de modo especial aos meus pais que me dão todo apoio possível em todas as minhas aventuras acadêmicas. Ao meu avô Sebastião, carinhosamente chamado de vô Tatão, grande griô da família Oliveira Pereira, homem sábio e íntimo das palavras, acreditava na educação como forma de melhorar a vida. E a todos os meus ancestrais, aqueles que abriram caminhos para que eu chegasse até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, pelo apoio e paciência durante esse ano de trabalho. Ao meu orientador, igualmente pela paciência e por aceitar me orientar em um tema que não é de seu domínio acadêmico.

Agradeço, também, ao Observatório de Carnaval da UFRJ (OBCAR/UFRJ) por toda ajuda na construção desse trabalho e pela acolhida.

Aos colegas de turma, em especial ao sexto ano, a turma do fundão que compartilhou comigo, alegrias, tristezas, revoltas, frustrações e vitórias. Inasmim, Carla, Aline e Juliene, MULHERONAS incríveis, que não deixam a peteca cair e seguem na luta por uma sociedade melhor. Na luta é que a gente se encontra.

A todos os professores do IFRJ do campus Mesquita. Todos vocês me ensinaram algo que levarei para a vida.

Ao meu querido amigo, padrinho, companheiro de samba, Jonatan. Obrigada por todo apoio dado, por todo cuidado, pelos sambas que desafogavam a mente, pelos passeios culturais mais maravilhosos desse mundo.

E aos queridos Guilherme e pref<sup>o</sup>. Osmar, do programa EREREBÁ, do Colégio CII, que chegaram na reta final desse louco processo e renovaram meu animo. Nossas conversas informais sobre carnaval, análises de enredos e trocas de referências foram de extrema importância para concluir esse trabalho. Esses pretos têm poder! Sigamos batucando e carnavalizando a vida e a academia.

Axé!

## RESUMO

Objetiva-se, aqui, discutir como um enredo de escola de samba pode ser utilizado como instrumento para a divulgação científica. Foram analisados dois enredos de escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro. O primeiro enredo, “Uma noite real no Museu Nacional”, apresentado pela escola de Samba Imperatriz Leopoldinense no ano de 2018, e o segundo, “História pra ninar gente grande”, da Estação Primeira de Mangueira, para o ano de 2019. Foi discutido, também, o potencial do desfile das escolas de samba como veículo de divulgação científica. Por serem frutos de pesquisas e um agregado de diversos saberes, os enredos de escolas de samba podem ser bons instrumentos para divulgação científica

**Palavras-chave:** carnaval, divulgação científica, Enredo, escola de samba



## **ABSTRACT**

The objective of this work was to discuss how a samba school plot can be used as a tool for scientific dissemination. Free analysis of two samba schools of the special group of Rio de Janeiro was performed. The first plot, "A Real Night at the National Museum", presented by the Imperatriz Leopoldinense samba school in 2018, and the second, "Story to lull old people," presented by the Estação Primeira de Mangueira samba school, for 2019. The potential of the samba school parade as a vehicle for scientific dissemination was also discussed. As a result of research and an aggregate of diverse knowledge, samba school plots can be good tools for scientific dissemination.

**Keyword:** carnival, popularization of science, plot, samba school

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1: O CARNAVAL, CIÊNCIA E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA – UMA RELAÇÃO QUE DÁ SAMBA.....	11
1.1 - Carnaval – festa da carne, festa profana. A festa do povo!.....	11
1.2 - “Não fomos catequisados, fizemos foi carnaval” - A origem da festa no Brasil.....	12
as escolas de samba.....	13
1.4 - A divulgação científica no Brasil.....	15
1.5 - A arte da ciência academicamente popular - a ciência nos enredos de escolas de samba.....	18
Capítulo 2: O ENREDO DE ESCOLA DE SAMBA E OS PROCESSOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO.....	22
2. 1 - O enredo do meu samba.....	23
2. 2 – O sonho da criação e a criação do sonho - A pesquisa do enredo.....	25
2. 3 – E vai passar mais uma vez na avenida um samba popular: a escolha do sambaenredo.....	27
2. 4 – Tirando da cabeça o que do bolso não dá – a tradução plástica do enredo.....	28
2. 5 – A apoteose do planeta carnaval - O desfile.....	30
Capítulo 3 – QUANDO A CIÊNCIA DESFILA NA SAPUCAÍ – ANÁLISE DE DOIS ENREDOS DE ESCOLA DE SAMBA.....	31
3.1 – A Imperatriz de Ramos e do samba.....	31
3.2 –A Estação Primeira do samba.....	34
3.3 – Os ecos da folia - Os enredos para além do carnaval.....	39
CONCLUSÃO – Para tudo não se acabar na quarta-feira.....	43
REFERÊNCIAS.....	46



## INTRODUÇÃO

“Eu peço licença pra chegar, pra chegar peço licença. Saravá quem é de sarava, a bença a quem é de abença”

É com os versos de Noriel Vilela que peço licença e que todos abram alas, pois quero, antes de tudo compartilhar com vocês os motivos que me fizeram embrenhar nessa pesquisa.

Este trabalho é fruto de um grande amor meu por carnaval, principalmente pelas escolas de samba. Abro um parêntese aqui para explicar que escrevo em primeira pessoa porque tenho uma ligação forte e pessoal com o assunto, e vamos lá, estamos falando de samba e carnaval, então sigamos com leveza na linguagem. O outro motivo pela escolha da linguagem aqui utilizada é que me aproprio e faço uso, algumas vezes, do pretoguês, descrito pela grande Lélia Gonzales como a mistura do português com as línguas africanas. Portanto, neste trabalho aparecerão palavras que fazem parte do meu cotidiano, do cotidiano do povo preto, que também circula pelas comunidades e pelo mundo samba. Mais que um trabalho que circule pela academia, quero, com ele, firmar a identidade e os conhecimentos de meu povo e fazer reverberar as vozes silenciadas dos que vieram antes de mim e daqueles que estão comigo na luta. Continuando...

A paixão pelas escolas de samba vem da infância. A alegria dos desfiles, as cores, as alegorias sempre me chamaram a atenção, mas não mais do que as histórias que contavam na avenida. No período pré-carnaval, sempre me pegava lendo e estudando os enredos, seja com as sinopses, seja com os sambas. Na escola, associava rapidamente os conteúdos que os professores explicavam com algum enredo, aliás, qualquer coisa que eu ouvia ou via eu associava a algum enredo. Além de ajudar na minha formação escolar, os enredos das escolas de samba foram importantes para DEScolonizar e Decolonizar meu pensamento e minha formação acadêmica. As escolas de educação formal e as universidades ainda seguem o modelo colonizador europeu e, conseqüentemente, o conhecimento propagado é eurocêntrico. Foi pelos enredos de escolas de samba que eu conheci as “histórias que a história não conta” bem antes da Estação Primeira escancará-la em alto e bom som e com toda raça e coragem na Sapucaí. Então, desde criança sempre reconheci as escolas como grandes contadoras de histórias, propagadoras de conhecimentos. Se fosse personificá-las, com toda certeza seria na figura de um griô. A partir desse meu entendimento, resolvi lançar um olhar acadêmico sobre os enredos de escolas de samba e analisá-los sob a ótica da divulgação científica.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo traz um pequeno histórico do carnaval, da divulgação científica e a relação estabelecida entre essa festa popular e o campo das ciências. O segundo capítulo é a descrição de todo o processo de desenvolvimento de um enredo: A concepção, o processo de pesquisa, a tradução textual e plástica. O objetivo desse capítulo é mostrar que os enredos são fundamentados e tratados como um projeto de pesquisa, porém apresentados de forma carnavalizada, lúdica e as vezes satírica e debochada. No terceiro capítulo, faço a análise de dois enredos e aponto suas contribuições para a divulgação científica.

O objetivo geral deste trabalho é discutir como um enredo de escola de samba podem contribuir para a divulgação científica. E os objetivos específicos são analisar como são elaborados os enredos de escola de samba da sua concepção à apresentação no sambódromo; analisar como a ciência é inserida nos enredos de escolas de samba; construir a relação entre enredos selecionados para a pesquisa e a divulgação científica; discutir o potencial dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro como veículo de divulgação científica.

A pesquisa se apoia na análise livre da sinopse de dois enredos. O estudo foi desenvolvido a partir de:

- 1 - Pesquisa bibliográfica: sobre os conceitos divulgação científica, escolas de samba, enredos de escolas de samba, carnaval, a ciência no carnaval das escolas de samba, divulgação científica em espaços informais. A busca foi realizada nas bases Google Acadêmico, Scielo, Brasileira.
- 2 - Análise sobre o desenvolvimento dos enredos de escolas de samba – com base em Blass (2007), Farias (2007) e Soares e Loguercio (2017), mostrando como se dá o processo de pesquisa e elaboração de um enredo de escola de samba, da concepção da ideia à apresentação na Sapucaí.
- 3 - Análise livre de enredos de escola de samba – Para tanto, utilizei a sinopse e livro abrealas, retirados do site dedicado ao carnaval carioca, Galeria do Samba, e do site oficial da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA). Os enredos selecionados para este trabalho foram: *Uma noite real no Museu Nacional* da G.R.E.S Imperatriz Leopoldinense, do ano de 2018 e *História pra ninar gente grande*, da G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira para o ano de 2019. O primeiro enredo é uma homenagem aos 200 anos do Museu Nacional, onde se conta a sua história e importância para a pesquisa científica no Brasil; o segundo, vem mostrando um lado da história do Brasil não apresentado nos livros didáticos.

Sem mais mirongas, vamos ao trabalho!

## Capítulo 1: O CARNAVAL, CIÊNCIA E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA – UMA RELAÇÃO QUE DÁ SAMBA

O desfile das escolas de samba é a manifestação carnavalesca que mais atrai atenção no Rio de Janeiro, considerado como um dos maiores espetáculos da Terra (PORFIRIO, 2015). É uma grande manifestação cultural e artística; uma festa transmitida para mais de 180 países (SOUZA, 2004). O sucesso do evento se deve à movimentação financeira nos campos da publicidade e da mídia que exhibe e vende mundialmente o desfile das escolas de samba como um produto da indústria cultural brasileira.

Em seus desfiles, através dos elementos audiovisuais, as escolas de samba podem atrair a atenção de quem assiste para diversos assuntos, incluindo a ciência. Se o carnaval das escolas de samba é uma manifestação artística e cultural de uma sociedade, a ciência faz parte da cultura dessa sociedade. Assim, seria natural a aproximação entre ciência e carnaval.

Neste capítulo, inicialmente, discorrerei sobre o histórico do carnaval no Brasil, bem como das escolas de samba. Também tratarei sobre a história da divulgação científica no Brasil. Por fim, farei um cruze entre carnaval e ciência, para estabelecer uma relação entre os dois universos. Para isso, apontarei diversos momentos em que a ciência se fez presente como discurso em blocos, cordões e em enredos de escolas de samba. Garroti (2014) diz que a ciência se apropria dos elementos que a arte produz para divulgação do conhecimento produzido pela academia. No Brasil, o carnaval das escolas de samba é um desses fenômenos. Mistura várias formas de artes: plásticas, dança, música, teatro; divulgando cultura e também ciência. Desta maneira, os enredos das escolas de samba e os desfiles podem ser um meio de divulgar ciência.

### 1.1 - Carnaval – festa da carne, festa profana. A festa do povo!

“...É boi Ápis, lá no Egito festa de Isis.  
É deus Baco, bebe sem mágoa  
Você pensa que esse vinho é água  
É primavera, na lei de Roma a alegria é que impera”  
Oh que beleza  
Máscara negra lá nos bailes de Veneza”  
(Samba-enredo da União da Ilha do Governador, 1989)

Há diversas versões para a origem do carnaval como confirmam Moraes (1987) e Ferreira (2004). Há autores que afirmam que a festa se originou há 10.000 anos a.C. Outros que a festa se originou dos festejos pagãos de Ísis e do Boi Ápis no Egito e há aqueles que dizem que o carnaval surgiu das festas da idade média. O carnaval como festa de extrapolação e excessos tem origem das civilizações greco-romanas, onde se observavam uma certa desordem pelas ruas, muitas brincadeiras, cantorias, transgressões, pessoas mascaradas e desfiles nas ruas. Essas festas, como diz Ferreira (2004), antes da era cristã, podiam ser uma celebração, um ritual de passagem dos jovens para a vida adulta, como era em Esparta e Ática, ou oferecidas em honra a divindades, como Ártemis e Ísis, e celebrações de agradecimentos por colheitas.

O carnaval, como período do ano, uma data no calendário, surgiu quando, no ano 604 o papa Gregório I instaurou a quaresma, período de quarenta dias de jejuns rigorosos e orações lembrando os dias que Jesus Cristo passou no deserto. Nesses quarenta dias não se podia comer carne. O papa Urbano II determinou a quarta-feira de cinzas como o início da quaresma e o fim seria no domingo de Páscoa. Os dias que antecederiam o início da quaresma eram chamados de dia do “adeus à carne” ou dias da “carnevale”. Nesses dias havia muita festa, onde as pessoas comiam e bebiam, brincavam e dançavam à vontade. As pessoas aproveitavam para fazer tudo o que não se podia durante o restante do ano (FERREIRA, 2004).

Apesar de o carnaval ter se popularizado e crescido no Brasil, a festa é de origem europeia. Os portugueses, quando aqui chegaram, trouxeram seus costumes e hábitos, e um deles era a festividade nos dias que antecederiam o período quaresma. De acordo com Ferreira (2004), os relatos dos primeiros festejos no período carnavalesco em terras brasileiras foram no ano de 1553. O registro está documentado em um texto de 1593, denominado *Denúncias do Santo Ofício de Pernambuco*. A festa não tinha um formato estabelecido, assim como em toda Europa. Cada região comemorava conforme os costumes locais. Somente no século XVII é que o entrudo sofreu modificações e ganhou características próprias no Brasil.

## 1.2 - “Não fomos catequisados, fizemos foi carnaval” - A origem da festa no Brasil

“Vejam...Que maravilha. Temos festa mais linda  
Deste meu país. Esta é mais uma que brilha  
Como esse povo feliz.”

(Samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira, 1972)

No Brasil, o carnaval teve origem no século XVII com o chamado entrudo, trazido para cá pelos portugueses. O termo entrudo vem da palavra em latim *introitos*, que significa “entrada” ou “começo”, fazendo alusão também ao início da quaresma. Esta manifestação durou até o início do século XIX (CABRAL, 2011). A festa se caracterizava pelo ato dos participantes jogarem, uns nos outros, polvilho, farinha, limão-de-cheiro (CATTANI, 2008). Ganhou fama de violenta e o jogar entrudo ficou proibido nas ruas do país em 1841. Apesar da proibição a manifestação continuava a acontecer às escondidas até 1852 (FERREIRA, 2004). Com a proibição do entrudo, o carnaval passou a ser comemorado em grandes bailes, onde as pessoas iam mascaradas e fantasiadas. Esses bailes eram promovidos pela elite da sociedade e tinham regras sofisticadas. Desses bailes surgiram as sumidades carnavalescas e posteriormente as sociedades carnavalescas que eram, basicamente, um grupo de pessoas que se organizavam para brincar o carnaval (FERREIRA, 2004).

No século XX surgiram outros grupos carnavalescos como os ranchos e cordões e o Zé Pereira e blocos. Assim, neste século, segundo Ferreira (2004), o carnaval pode ser dividido em duas faces: o grande e o pequeno carnaval. Esses dois carnavais se diferenciavam pelo público participante. Do grande carnaval participava apenas a elite social e a burguesia. O pequeno carnaval pertencia a população das camadas mais baixas da sociedade, os negros, principalmente. Desse carnaval, faziam parte grupos intitulados como cordões, zé pereiras, ranchos e blocos. Os cordões contavam com uma organização e uma estrutura de custos mais elevados, então a população das favelas se organizavam em ranchos ou blocos para brincar o carnaval. Ao final da década de 1920, tendo origem nos blocos e cordões, surgem as escolas de samba.

1.3 - E tem muito freguês no sassarico do marquês. O carnaval do Rio de Janeiro e as escolas de samba

“Para alegria geral, este é o nosso carnaval.  
Em todo o Universo não existe outro igual  
Só neste Rio tradicional”  
(Samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira,1972)

Há muitas versões que tentam explicar a origem das escolas de samba. Uma delas diz que as escolas de samba tiveram sua origem entre o final da década de 1920 e início da década de 1930. De acordo com Costa (2012), as escolas de samba incorporaram características dos blocos, cordões e ranchos para criar um novo modo de brincar o carnaval.



Conta a história que, em 12 de agosto de 1928, Heitor dos Prazeres, Ismael Silva, Alcebíades Barcelos, Nilton Bastos, Silvio Fernandes e Benedito Lacerda fundaram o bloco carnavalesco *Deixa Falar*, no bairro Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. O bloco foi passado a ser chamado de escola de samba pelo fato de seus fundadores serem considerados professores de samba e como forma de se impor aos blocos rivais (CABRAL, 2011). Apesar de ser intitulada como escola de samba, o bloco *Deixa Falar*, ironicamente, nunca foi uma escola de samba.

As disputas entre as escolas de samba tiveram início no ano de 1932, como apontam Cabral (2011), Jesus, Lima e Oliveira (2012), Costa (2012) e Diniz (2008), quando o prefeito Pedro Ernesto oficializou o carnaval carioca. Nesse ano foi promovido um concurso de músicas de carnaval, que foi chamado de Concurso de Samba. As escolas de samba eram como se chamavam os grupos de samba. O concurso foi realizado na Praça Onze, organizado pelo jornal *Mundo Esportivo*, em um domingo de carnaval, quando a imprensa não se ocuparia com a disputa dos ranchos e grandes sociedades, (FERREIRA, 2004). Com o sucesso da disputa, nos anos seguintes os jornais brigavam para organizar o evento. Em 1934, as escolas de samba se unem para fundar a União das Escolas de Samba (UES), uma entidade que manteria o contato entre os grupos e o poder público. Aí o jogo já estava armado, e no ano seguinte, a prefeitura do Rio de Janeiro oficializa os desfiles das escolas de samba, o que garantiu uma subvenção oficial para as escolas afiliadas à UES (MORAES, 1987; FERREIRA, 2004; CABRAL, 2011).

Entre os anos de 1949 e 1951 os desfiles aconteciam parte na Avenida Presidente Vargas, parte na Praça XI já desmontada. A partir de 1957 a Avenida Rio Branco passou a ser a passarela das escolas de samba. Somente em 1984 as escolas de samba cariocas ganham seu palco definitivo, o Sambódromo (com nome oficial Passarela Darcy Ribeiro), localizado na rua Marquês de Sapucaí, terminando na Praça da Apoteose. É considerado pelos sambistas o solo sagrado, onde, na curva do setor 1 estão reunidos todos os orixás para a grande festa do povo negro das favelas e comunidades do Rio de Janeiro. Digo isto baseada na sabedoria e na fé do povo do samba (Se as tias do samba, as baianas, aquelas que carregam a ancestralidade, o axé, a herança do povo negro, os grandes baluartes do samba dizem isto, quem somos nós pra discordar, não é mesmo?)

As escolas de sambas, chamadas mais formalmente de agremiações ou grêmios recreativos (oficialmente grêmios recreativos escola de samba, representado pela sigla G.R.E.S), além de serem uma manifestação artística e cultural, também possuem um importante papel social. Localizadas em comunidades carentes, usam do esporte e ensino profissionalizante para dar, principalmente aos jovens, oportunidades de crescer socialmente e também o acesso a

direitos que muitas vezes lhes são negados pela sistema dominante. São um polo recreativo de suas comunidades que funciona durante todo ano para além do preparo do desfile no carnaval. Nas quadras de escolas de samba acontecem festas da agremiação ou dos componentes, bailes e ainda os ensaios. Saturnino (2001:22) afirma que esse movimento nas quadras das escolas de samba lhes confere alta relevância como espaço de congregação dos componentes no aspecto social, uma verdadeira kizomba. Farias (2007, p.127) destaca que dentre as várias funções das escolas de samba, existem três principais:

- 1 – a de integração social – agregam as pessoas da comunidade em prol de um único objetivo;
- 2 – função artística – destinada à produção artística e ao usufruto do desfile enquanto arte;
- 3 – função de divulgação – objeto transmissor de conhecimento e cultura.

As escolas de samba têm como característica básica, de acordo com o mesmo autor, a capacidade de transmitirem múltiplas mensagens em seus enredos, que são transformados em um espetáculo audiovisual que alcança um número grande e diversificado de pessoas. Assim, sendo transmissora de conhecimento as escolas de samba com seus enredos estariam, em alguns casos, divulgando ciência. Ou seja, as escolas de samba têm potencial para fazer circular o conhecimento científico e tecnológico que era de domínio de cientistas especializados, alcançando um público amplo e que por vezes não tem acesso a este.

Sobre divulgação científica, Bueno (2009) nos diz que o seu objetivo é aproximar a ciência da sociedade, já que ela está presente a todo tempo no seu dia a dia. Deve fazer a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a um público amplo.

#### 1.4 - A divulgação científica no Brasil

O termo divulgação científica ainda não possui uma definição fechada. Bueno (2010) afirma que a literatura sobre comunicação e divulgação científica no Brasil contribui pouco para o refinamento de alguns conceitos básicos nessas áreas. Impedindo que os limites e abrangências dos termos sejam definidos com clareza.

José Reis, em entrevista concedida a revista Ciência Hoje, em seu primeiro volume no ano de 1982, definiu a divulgação científica da seguinte forma:

“É a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega. Durante muito tempo, a divulgação se limitou a

contar ao público os encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade.” (REIS, 1982 *apud* MASSARANI, 1998 )

Bueno (2009) define divulgação científica como a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos para levar informações científicas, tecnológicas ou referentes a inovações para um público não especializado. Esta será a definição adotada neste trabalho. Assim, o papel da divulgação científica não é ensinar e sim levar o que está sendo produzido dentro dos centros acadêmicos e de ciências ao público não especializado, facilitando o entendimento das descobertas e pesquisa, já que estas vão impactar de alguma forma na vida da sociedade. Há autores que fazem diferenciação entre os termos difusão científica, disseminação científica, vulgarização científica, divulgação científica, popularização da ciência e comunicação pública em ciência, como Abagli (1996), Bueno (2010). Neste trabalho, não será feito a distinção dos termos. Será usado o termo divulgação científica, por ser o mais utilizado no Brasil, e de forma hegemônica, de acordo com Massarani (1998).

Em um aspecto histórico, a divulgação científica no Brasil começou tarde e de forma muito lenta. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII a educação no Brasil se dava de forma muito básica, os livros tinham a impressão proibida. As iniciativas sobre educação e ciência do governo português eram voltadas para alguma necessidade específica, como na astronomia, cartografia, geografia, mineração, identificação e uso de produtos naturais. (MOREIRA E MASSARANI, 2002).

Em 1772 foi criada, pelo Marquês de Lavradio a Academia Científica do Rio de Janeiro. Os membros se dedicavam ao estudo da física, química, história natural, medicina, farmácia e agricultura. Esta academia durou até o ano de 1779. Tempos depois foi reaberta, agora sendo chamada de Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Tinha o objetivo de difundir a ciência entre os membros da elite social. A sociedade fechou em 1794 por motivos políticos.

As primeiras instituições de ensino superior, técnicas e de ciências foram criadas com a vinda da família real para o Brasil, como a Academia Real Militar, em 1810, e em 1818, o Museu Nacional.

Com a Imprensa Régia, criada também em 1810, se deu início a publicação de textos e manuais voltados para a educação científica, assim como jornais que tinham artigos e notas sobre ciências. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota* e o *Correio Braziliense*, eram jornais que publicavam artigos de ciências traduzidos do francês ou do inglês. Membros da sociedade Literária do Rio de Janeiro publicavam poemas com conteúdo de ciência nesses jornais.

Na segunda metade do século XIX, devido a segunda revolução industrial na Europa, as ações de divulgação científica aumentaram em todo mundo. No Brasil, o conhecimento científico ainda era restrito às elites. A divulgação científica tinha idealizava a ciência aplicada a atividade industrial. A partir de 1857, a publicação de periódicos teve um aumento significativo. No ano de 1861 foi realizada no Brasil a primeira Exposição Nacional com o objetivo de exibir produtos industriais e agrícolas nacionais. O evento ocorreu também nos anos de 1862, 1867, 1873, 1876 e 1889.

Já no início de século XX, as pesquisas científicas no Brasil ainda não tinham uma tradição. Em 1916 foi criada a Sociedade Brasileira de Ciências, que em 1922, viraria a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Cientistas dessa academia participaram da fundação da primeira radio brasileira em 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O veículo de comunicação tinha o objetivo de divulgar informações educacionais, culturais e científicas para a população. Em 1948 foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entidade que tinha por objetivo a popularização da ciência no país. Na década de 1970 foi a principal promotora de eventos de divulgação científica.

As ações para a divulgação científica só se intensificaram no fim dos anos de 1970. Nesta época houve crescimento do jornalismo científico. Segundo Alves (2011), nos anos 1980 surgiram programas de televisão para tratar especificamente de temas científicos, que também eram abordados em programas infantis. Nesta década houve, também, um crescimento nos centros de ciências.

Na história recente, em 1999 surge a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC) e em 2001 a Associação Brasileira de Divulgação Científica. Já em 2004, foi criado o Departamento de Popularização e Divulgação Científica.

Atualmente, além da televisão, rádio, livros, jornais, outros tipos de instrumentos estão sendo utilizados para divulgar ciência como por exemplo a internet, literatura de cordel, músicas, revistas em quadrinhos, jogos entre outros. Alves (2011) afirma que estão sendo criados museus e centros de ciências que interagem com a sociedade e mostram a ciência dos centros de pesquisas de uma forma prazerosa e facilitada.

Nessa linha de pensamento, Moreira e Massarani (2002) afirmam que tem surgido muitas iniciativas ligadas a divulgação científica no Brasil, como novos centros e museus de ciências, livros e revistas e crescentes números de eventos de divulgação científica e tecnológica. Apesar deste fato, divulgação científica não atinge a população brasileira em todos os seus setores. Os autores afirmam que esta lacuna existe porque os aspectos culturais são desconsiderados no processo de divulgação. Os autores ainda dizem que “as interfaces entre

a ciência e a cultura são frequentemente ignoradas”, ocasionando uma baixa atuação da divulgação científica nas camadas populares da sociedade. Assim, os enredos de escolas de samba e os desfiles entrariam como mais um instrumento na busca de melhorar e ampliar a divulgação científica no Brasil.

#### 1.5 - A arte da ciência academicamente popular - a ciência nos enredos de escolas de samba

“O mundo gira avança a tecnologia  
A ciência faz o homem acreditar  
Que a vida é uma fonte de energia  
Pra sonhar...”  
(Samba-enredo da Mangueira, 2005)

O desfile de carnaval do Rio de Janeiro é um evento com grande impacto nacional e internacional, com forte conotação cultural e simbólica. Por ser uma manifestação cultural que envolve uma grande parte da população das comunidades a cada ano, principalmente os jovens, o carnaval dá a possibilidade de um cruzo entre ciência e arte, e pode ser pensada e utilizada como uma atividade de popularização da ciência. Segundo afirma Garroti (2014), há uma necessidade de se investir em políticas públicas de divulgação científica. Como a arte possui características de educação informal, ela também colaboraria na divulgação e popularização da ciência. O carnaval das escolas de samba é, assim, um bom exemplo de como aliar arte e ciência para se divulgar ciência.

De acordo com Farias (2007), os enredos das escolas de samba possuem um conteúdo cultural fornecido pela sociedade em que está inserido. Loureiro e Loguercio (2017) consideram a ciência como um produto cultural, já que é produzida em uma sociedade e está presente nela. Apesar disso, precisa se utilizar de variados elementos presentes nessa sociedade para se fazer percebida. Sendo um produto cultural, não seria estranho as escolas de samba terem ciência em seus enredos. Um ponto importante desta relação entre carnaval e ciência é que os comunicadores da ciência aí incluídos têm a oportunidade de lidar com uma situação de comunicação para milhões de pessoas espalhadas pelas ruas, no sambódromo e na audiência da televisão e na internet.

A relação entre ciência e carnaval não é recente, esse cruzo ocorre há tempos. Há relatos da ciência marcando presença no carnaval carioca desde a década de 1870, quando foliões se fantasiavam ironizando temas ligados à ciência. Como por exemplo, o funcionamento do telégrafo elétrico, a obrigatoriedade do sistema métrico decimal. As campanhas contra a peste

bubônica, febre amarela e varíola também foram alvo de críticas carnavalescas e apareceram em muitas músicas de carnaval entre os anos de 1900 e 1904, como *Rato, Rato, Rato*, de Casemiro da Rocha e Claudino Pinheiro; e *Vacinação Obrigatória*, cantada por Mario Pinheiro. Em 2004, o bloco Cordão do Prata Preta criou sua encenação para a Revolta da Vacina, com o “Auto da Revolta da Vacina”.

Os carros alegóricos das grandes sociedades do início do século XX aparecem nos desfiles pelas ruas da cidade com temas de cunho científico ou debochando da sua aplicação. Em 1908 os Fenianos levaram para as ruas “O Beijo do Cometa” e Os Democráticos a “Patriótica trindade: Ruy Barbosa, Rio Branco e Oswaldo Cruz”. Em 1910, esta última sociedade carnavalesca desfilou com a alegoria “A navegação nos ares” e em 1917 com “Fauna Marinha”.

Em 1910, a passagem do cometa Halley provocou interesse na população e foi motivo de desfiles e músicas de carnaval (Mourão, 2006 *apud* Moreira, 2015) e ainda provocou um baile depois do período de carnaval, o baile Halleylúático e celestial. Em 1911, os Fenianos levaram o Halley para seu cortejo, com a alegoria *O Beijo do Halley*, onde a Terra era seduzida pelo cometa.

A primeira escola de samba a tratar de ciência em seu enredo foi a Estação Primeira de Mangueira, no ano de 1947, com o título Brasil, Ciência e Arte (SOARES E LOGUERCIO, 2017; MOREIRA, 2015; GARROTI, 2014) e ficou com o segundo lugar no desfile. O samba, composto por Cartola e Carlos Cachça, exaltava a ciência e a arte nacional e homenageava Pedro Américo, importante pintor do século XIX; e Cesar Lattes, que realizou a detecção experimental do *méson Pi*, junto com Cecil Powell e Giuseppe Occhialini. Moreira (2015) destaca a atualidade do enredo. O trabalho original dos cientistas foi publicado três meses depois do carnaval na revista científica *Nature*. A descoberta dos cientistas figurou no Brasil primeiramente pelas mãos dos bambas lá do Morro de Mangueira. Desde então, a ciência e a tecnologia apareceram nos enredos com variados temas.

Há enredos com o tema relacionados a Santos Dumont e à navegação aérea ou espacial: “Glória Mil - homenagem a Alberto Santos Dumont”, Estácio de Sá, Rio de Janeiro (RJ), 1958; “O Brasil dá o ar de sua graça: De Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar”, Beija-Flor, Rio de Janeiro (RJ), 2002; “Asas de um sonho, viajando com o Salgueiro, o orgulho de ser brasileiro”, Salgueiro, Rio de Janeiro (RJ), 2003; “Tijuca 2009: ‘Uma odisséia sobre o espaço’”, Unidos da Tijuca, Rio de Janeiro (RJ), 2009.

Outros enredos são voltados para a questão ambiental, como exemplo “Quase no ano 2000...”, da Imperatriz Leopoldinense em 1998. O enredo era uma crítica em relação aos impactos do avanço científico e tecnológico no meio ambiente e nas relações sociais.

Vários desfiles abordaram em seus enredos o tema energia, São exemplos: “A cana que aqui se planta tudo dá... Até energia! Álcool, o combustível do futuro”, do Salgueiro, em 2004, patrocinado por empresas do setor sucroalcooleiro; em 2005, a Tradição, levou para a avenida o enredo “De sol a sol, de sol a soja...Um negócio da China! ”, patrocinado pela multinacional Monsanto e pelo Grupo Maggi. A mangueira, em 2005, teve como enredo “Mangueira energiza a avenida - Carnaval é pura energia e a energia é o nosso desafio”, patrocinado pela Petrobrás. Alguns enredos tratam mais especificamente de ciência e natureza, como o Salgueiro em 2006: “Microcosmos - o que os olhos não veem, o coração sente”. Personalidades importantes associadas à medicina e à ciência, como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Ana Néri e Miguel Couto, foram homenageadas pela Império Serrano, em 1952, com o enredo “Ana Néri: Homenagem à medicina brasileira”.

Em 1997, a Unidos do Viradouro impactou o carnaval carioca com o enredo “Trevas! Luz! A explosão do Universo”, desenvolvido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta. A Viradouro ganhou o carnaval daquele ano. O enredo falava sobre os momentos iniciais da criação do mundo e a teoria do Big-Bang.

A Unidos da Tijuca é uma agremiação com um histórico de trabalho em parceria com instituições de pesquisa. No carnaval de 1997 com o enredo “Viagem Pitoresca pelos cinco continentes num jardim”, em que homenageou o Jardim Botânico e levou para seu desfile a pesquisadora de botânica da instituição homenageada, Graziela Maciel Barroso. O enredo que a Unidos da Tijuca apresentou do ano de 2004 (“O Sonho da Criação e a Criação do Sonho: a Arte da Ciência no Tempo do Impossível”) levou para a avenida alguns dos grandes avanços e descobertas científicas que marcaram a história da humanidade. Para o desenvolvimento deste enredo, a agremiação, junto com o carnavalesco Paulo Barros, fez uma parceria com a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O carnavalesco utilizou uma linguagem plástica inovadora e de fácil compreensão no desfile, chagando a levar uma alegoria representando o DNA, formado por pessoas, inaugurando a era das alegorias vivas e uma nova estética para o carnaval.

De acordo com Maia e Messeder (2014), a vinculação de carnavalesco e cientistas proporcionou um espetáculo de beleza e conhecimento. A repercussão do desfile na mídia nacional e internacional foi tamanha que a foto do carro alegórico do DNA foi estampada nas

capas dos jornais mais importantes do Brasil e do mundo. Foi ainda, matéria nas revistas científicas *Science* e *Nature*. Nesta última, a matéria foi assinada por Roald Hoffmann, Nobel de Química (MOREIRA, 2015). Este enredo é o que mais apresenta estudos na área da divulgação científica, foi abordado por Alves (2011), Garroti (2014); Maia e Messeder (2014); Soares (2016); Soares e Loguercio (2017).

Aliás o carnavalesco da escola naquele ano, Paulo Barros, trabalha com pesquisadoras da Casa da Ciência da UFRJ até hoje. Em 2018 levou para a avenida, nesta ano pela Unidos de Vila Isabel, o enredo “Corra que o futuro vem aí”, que contou uma parte da história da ciência e tecnologia e falou sobre as perspectivas para o futuro tecnológico da humanidade. Este ano, na

Embora haja uma forte presença das ciências naturais, as ciências sociais, porém, sempre estiveram presentes nos enredos das escolas de samba, principalmente a História e Geografia, nas homenagens às personalidades, narrativas de acontecimentos históricos, e nos chamados enredos “CEP’s”, que tratam de uma determinada localidade (país, cidade, estado, bairro).

A elaboração e desenvolvimentos de um enredo demanda muito trabalho para uma escola de samba. No geral, cabe ao carnavalesco ou comissão de carnaval as escolhas plásticas para compor o visual que a escola de samba irá apresentar no desfile. A busca de referências para o desenvolvimento do enredo pode ser um trabalho do carnavalesco/comissão de carnaval, ou de um pesquisador da escola de samba. No próximo capítulo será tratado sobre as etapas para a elaboração e desenvolvimento de um enredo.



## Capítulo 2: O ENREDO DE ESCOLA DE SAMBA E OS PROCESSOS PARA SEU DESENVOLVIMENTO

Durante o carnaval é o samba quem manda no Rio de Janeiro. O desfile das escolas de samba protagoniza a festa em solo carioca. É uma grande manifestação cultural e artística; uma festa transmitida para mais de 180 países no mundo (SOUZA, 2004). O sucesso do evento se deve, a movimentação financeira nos campos da publicidade e da mídia que exhibe e vende mundialmente o desfile das escolas de samba como um produto da indústria cultural brasileira, e no setor de turismo.

Além de serem uma das maiores manifestações carnavalescas do país, as escolas de samba possuem um papel social nas comunidades onde se localizam. Tramonte (2001) diz que elas processam e organizam as relações sociais, econômicas e políticas das suas comunidades; elaboram arte e realizam cultura. Muitas possuem trabalhos sociais, oferecendo esporte, lazer e profissionalização para os jovens de suas comunidades.

Rezende e Brusadin (2015) afirmam que o desfile das escolas de samba é um grande evento cultural executado por diversos trabalhadores remunerados e voluntários, formados ou não. É também uma forma de lazer para o público que não é proporcionado apenas no dia do desfile. Há durante todo o ano ensaios, festas e diversas ações culturais as quadras das escolas de samba que constituem uma das principais formas de lazer de uma comunidade, principalmente em áreas de risco social. Além disso, foram espaços que o povo negro, a minha gente, encontrou para contar a nossa história, mostrar a nossa cultura, denunciar nossas mazelas, mas também para fazer muita kizomba. O desfile das escolas de samba é um dos raros momentos que milhares de pessoas param para ver e ouvir o que o povo das favelas tem a mostrar e dizer. Apesar de hoje está sendo dominada pela elite branca, ainda são espaços de afirmação e resistência negra. Mas isso é assunto para outros enredos.

Além da importância social, as escolas de samba também possuem uma importância econômica no Estado do Rio de Janeiro. Movimentam cerca de 250 milhões de dólares por ano e geram cerca de 400 mil empregos só com os desfiles do Grupo Especial. Movimentam também, diversos setores da indústria, como por exemplo o têxtil, metalúrgico, madeireiro, químico e o elétrico, e ainda formam profissionais quase que exclusivos do carnaval: carnavalescos, vimeiro, escultor de isopor, mestre-sala, porta-bandeira, técnico de movimento de alegorias, entre outras profissões.

Neste capítulo, apresentarei, de uma forma geral, as etapas para a elaboração de um enredo de escola de samba, da concepção da ideia à sua apresentação da Sapucaí. Os elementos de cada etapa que se juntarão ao final para formar um todo, que é o enredo. Normalmente,

as escolas de samba começam a prepara seu carnaval cerca de 10 meses antes do desfile. O processo tem início pela escolha do tema que regerá o desfile no sambódromo. Para a apresentação de seus enredos nos desfiles, há um processo de pesquisa por parte dos carnavalescos e/ou comissões de carnaval que trabalham nas escolas de samba. O resultado é apresentado primeiramente sob forma textual, numa sinopse, que tem por objetivo explicar o enredo que será desenvolvido. O resultado final se dará na Sapucaí, com o desfile da escola. É um processo trabalhoso, e para o enredo ter sentido ao final, é necessário que todas as partes estejam ligadas, formando ao final um discurso coeso e coerente para que o público que assiste entenda a mensagem que a escola quer passar.

## 2. 1 - O enredo do meu samba

“Abro a cortina deste palco de ilusão  
Reino da magia e da imaginação  
Canto, comigo todo povo canta  
E uma festa se levanta  
Deste enredo que encanta” (Samba enredo do G.R.E.S  
Arranco, 1991)

O enredo é uma peça fundamental nos desfiles de escolas de samba. Ele é o fio condutor para o desenvolvimento do desfile. Consiste em uma narração, uma história encenada com dança, música e linguagem plástica. A LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial) define enredo como: “... criação artística, em forma de construção narrativa e/ou descritiva, de um tema ou conceito” (LIESA, 2018). O enredo não pode ser confundido com tema. Segundo Farias (2007), todo enredo possui um tema central que pode ser desdobrado em outros subtemas ou enfoques. Portanto, enredo é a delimitação de um tema maior. Assim, é desenvolvido em tópicos, seguindo uma lógica com início, meio e fim. Haroldo Costa, em depoimento para Farias (2007), declara que o enredo está para a escola de samba, como o roteiro para um filme ou o libreto para a ópera. Magalhães (1997) diz que o enredo pode ter diversos enfoques para tratar o tema escolhido, mas o importante é que tenha uma leitura para o entendimento popular.

Os enredos das escolas de samba trazem consigo um conteúdo cultural que é resultado dos hábitos, costumes e experiências pela gerados pela própria sociedade em que está inserida, principalmente, a cultura negra, já que o samba é negro. Possui relevância, tendo em vista que transmitirão informações que serão interpretadas por todos que assistem e que participam do processo. Para que um enredo seja bem-sucedido na Sapucaí, a escola deve se apresentar de forma clara e compatível com o tema proposto e com uma justificativa coerente. Todas as

alas, alegorias e composições devem formar blocos significativos, que quando em conjunto formam o tema do enredo. Os elementos visuais (alegorias, fantasias, adereços, dança, contingente humano) devem estar integrados aos elementos verbais (sinopse, sambaenredo). O tratamento estético dado as fantasias, alegorias e adereços deve traduzir as informações do enredo para o público, transformando a linguagem verbal, da sinopse e do samba, em não-verbal, através do uso de símbolos. Deste modo, o enredo é constituído em partes integradas, estas, se isoladas não possuem significado.

No início das escolas de samba não existia um enredo para o desfile como afirmam Moraes (1987), Ferreira (2004), Farias (2007) e Cabral (2011). O que existia era um samba que embalava o desfile da escola. No carnaval de 1952, com normatização do carnaval, surge um regulamento e nele constava a obrigatoriedade das fantasias, fato que pode ter contribuído para o estabelecimento do enredo como um quesito obrigatório. (SOARES E LOGUERCIO, 2017 p. 57). Antes disso, não havia a necessidade das fantasias e alegorias remeterem ao mesmo tema que o samba da escola. Com o regulamento, houve a necessidade de se ter um fio condutor para se contar uma determinada história em um desfile.

Os primeiros enredos retratavam a história oficial do Brasil. Aos poucos a visão foi ampliando e os enredos contavam histórias internacionais, biografias, ganharam cunho geográfico e também científico (SOARES E LOGUERCIO, 2017 p. 58). Farias (2007). Quando as escolas de samba ganharam caráter empresarial surgiram também os chamados enredos patrocinados, financiados por empresas e instituições privadas e públicas.

A escolha do enredo pode ser do próprio carnavalesco ou comissão de carnaval, ou ser sugerido pela diretoria da escola, patrono (em geral ligado ao jogo do bicho), ou patrocinador. Porém, de acordo com Farias (2007), a opinião do carnavalesco tem um peso maior, já que será ele que desenvolverá esse enredo. A questão econômica também tem muito peso na escolha do enredo. A partir da década de 1990, devido a diminuição no número de bicheiros e outros contraventores patrocinando a festa, as escolas de samba passaram a captar mais recursos externos, já que a verba da subvenção, os recursos da LIESA e os gerados pelas atividades das próprias escolas não são mais suficientes para fazer um carnaval no padrão exigido pela competição no Grupo especial. Então, passou-se a ver um maior número de enredos patrocinados homenageando cidades, governos, personalidades e até empresas. Farias (2007, p. 83), afirma que o patrocínio é bom na medida que pode melhorar a confecção e a estrutura do carnaval de uma escola de samba, mas pode se tornar perigoso se o patrocinador impuser regras e cercear a autonomia dos artistas que desenvolvem o enredo.

O título do enredo depende de quem o desenvolverá. Há quem prefira ser direto e passar no título informações básicas sobre o que se trata esse enredo, como por exemplo o enredo do Salgueiro para o ano de 2019 intitulado *Xangô*, que homenageou o orixá padroeiro da escola. Outros preferem dar nomes inusitados e engraçados ao enredo como fizeram Rosa Magalhães e Lícia Lacerda em *Bumbum Paticumbum Prugurundum*, para o Império Serrano no ano de 1982, ou Paulo Barros em *Vira Viradouro*, para a Viradouro no ano de 2019. Esses títulos não transparecem o assunto abordado, sendo difícil a sua decifração, podendo provocar um interesse em saber do que se trata. O título dos enredos patrocinados geralmente carrega alguma parte do nome da empresa ou instituição financiadora ou seu produto (*O Brasil que Vale Grande Rio*, 2003, com patrocínio da mineradora Vale).

O fato é que a escolha do enredo esbarra em muitas questões e depende do momento financeiro ou político que a escola está vivendo, os objetivos que se deseja alcançar, do carnavalesco que está à frente da produção do carnaval. Tudo isso é levado em conta para se escolher um enredo e por isso essa etapa pode demorar mais ou menos tempo. Depois de escolhido o enredo, a próxima fase é a pesquisa sobre o tema proposto. É nesta fase que o carnavalesco ou pesquisador responsável encontrará bases que sustentarão, justificarão o enredo proposto e também é onde obterão informações para a confecção de fantasias, alegorias e adereços.

## 2. 2 – O sonho da criação e a criação do sonho - A pesquisa do enredo

Para a pesquisa sobre o enredo proposto, muitos carnavalescos ou departamento cultural das escolas de samba recorrem a parcerias com centros de ciências e pesquisas para desenvolver o enredo ou pesquisadores. Como por exemplo o enredo da Unidos da Tijuca do ano de 2004 “O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível.” O enredo foi elaborado em uma parceria do carnavalesco Paulo Barros com a Casa da ciência da UFRJ. A mesma agremiação, no ano de 2006, firmou parceria com o Núcleo de Estudos Carnavalescos do Projeto Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ para o desenvolvimento do enredo sobre a fotografia “*De lambida em lambida, a tijuca dá um click na avenida.*”

O julgador Clecio Quesada em depoimento para Farias (2007) enfatiza que:

“O fato é que, na última década, os enredos das escolas têm sido realizados a partir de verdadeiros projetos culturais elaborados por pesquisadores, em alguns casos até mesmo

egressos ou ligados à academia. Disto, tem resultado sem dúvida uma produção de indiscutível validade cultural (...)  
(QUESADA *apud* FARIAS, 2007, p. 45)”

Nas pesquisas dos enredos são utilizadas referências bibliográficas e eletrônicas. Consulta-se livros, dissertações teses, materiais iconográficos para extrair o máximo possível de informações para fundamentar o tema e as possibilidades visuais para o desfile (FARIAS, 2007; SOARES E LOGUERCIO, 2017). Soares e Loguercio (2017) afirmam que o carnaval se serve de algumas características da pesquisa acadêmica para que o enredo tenha justificativas densas e a temática escolhida seja explicada de forma clara e convincente. No manual de julgadores da LIESA consta que o quesito enredo é subdividido em concepção e realização. A concepção é o enredo quanto argumento, a ideia básica apresentada, o desenvolvimento teórico. Já a realização é a capacidade de compreensão do enredo pela associação entre o argumento proposto e o desenvolvimento através das fantasias, alegorias e adereços. A partir dessa regulamentação houve a necessidade de haver uma *didatização* dos enredos, uma metodologia para se desenvolver os temas propostos e torná-los compreensíveis para quem assiste. É importante que o tema seja explicitado de uma maneira bem clara e se apresente argumentos sérios e embasados para que o público e julgadores entendam e a ideia seja comprada pela mídia, por possíveis investidores e, principalmente, pela comunidade.

Com a pesquisa concluída, monta-se a sinopse. De acordo com Farias (2007), a sinopse é o desenvolvimento do enredo enquanto argumento. É um resumo do assunto abordado no enredo. Pode ser apresentada em textos narrativos, poéticos ou descritivos; pode, também, conter ilustrações. O texto é entregue primeiramente para a direção da escola depois para os compositores, que farão o samba enredo embasados nesse texto, e explanados para a comunidade. Algumas agremiações fazem eventos em que reúnem a comunidade, os compositores e a imprensa para lerem e divulgarem as sinopses. Quando a sinopse é entregue aos compositores do samba enredo, o carnavalesco já explica o tom que quer dar ao enredo (histórico, crítico, humorístico, etc.). Blass (2007) divide o carnaval das escolas de samba em dois tempos. Essa etapa de pesquisa, elaboração e explanação da sinopse seria o primeiro tempo. O segundo tempo seria a escolha do samba-enredo, que irá embalar todo o desfile e será o primeiro canal de comunicação com o público.

## 2. 3 – E vai passar mais uma vez na avenida um samba popular: a escolha do samba enredo

“Vai passar nessa avenida um samba  
popular Cada paralelepípedo da velha cidade  
essa noite vai se arrepiar...”

(Vai passar - Chico Buarque / Francis Hime)

O samba enredo é a trilha sonora do desfile, é ele que amarra o aporte textual ao visual. O Funciona como fio do condutor para a narrativa plástica (FARIAS, 2007). Sua função é, pelo seu discurso, promover a encenação, o desfile, é fazer com que todo povo que vê e que desfila cante e dance e celebre junto. É a partir do samba enredo que o espectador conhece a narrativa do enredo.

Farias (2007) afirma que a explanação da sinopse para os compositores se faz importante, pois muitos carnavalescos não escrevem as sinopses de forma clara e isso minimiza os erros na hora de se escrever o samba-enredo. De acordo com Soares e Loguercio (2017), o momento da explanação da sinopse para os compositores é como uma aula em que os estudantes são os compositores que tem a necessidade de entender o sobre o assunto proposto para traduzi-lo em versos, rimas, poesia e música. Os compositores devem se apropriar dos argumentos da pesquisa para que consigam articulá-los com a linguagem poética e musical da melhor forma possível de modo que atinjam os componentes da escola e os espectadores, fazendo-os entender o enredo e cantar o samba.

Após receberem a sinopse, os compositores se reúnem em grupos, chamados de parcerias e então, começam o processo de composição dos sambas. As parcerias irão disputar as eliminatórias de samba enredo por cerca de um mês. As eliminatórias se tornaram grandes eventos que auxiliam a escola na arrecadação de fundos para o desenvolvimento do seu carnaval. As disputas acontecem no período da noite, em um dia específico da semana escolhido pela escola. Os jurados são membros da própria escola, são diretores de ala, diretores de carnaval, de bateria, baianas, velha guarda, carnavalesco, entre outros. Eles julgam qual o samba mais adequado e que melhor irá traduzir a pesquisa e a plástica do enredo. As finais das disputas de samba-enredo acontecem geralmente entre os meses de agosto e outubro. Paralelo às disputas de samba-enredo, o carnavalesco já começa produção de fantasias e alegorias.

## 2. 4 – Tirando da cabeça o que do bolso não dá – a tradução plástica do enredo

“E no despertar de um folião  
Tem o esplendor de um barracão  
Onde o sonho vira realidade  
Num simples toque das mãos”  
(samba-enredo da Grande Rio, 2010)

No momento em que estão acontecendo as disputas de samba-enredo na quadra da escola, no barracão (espaço destinado a produção de fantasias, alegorias e adereços) o carnavalesco e sua equipe começam a desenhar os figurinos e alegorias. Junto com a pesquisa em busca de referências textuais para embasar suas ideias, é necessário que o carnavalesco e sua equipe façam uma pesquisa iconográfica para ajudar na criação das fantasias e alegorias e na utilização de materiais adequados para a confecção.

Para a produção de fantasias e alegorias é necessária uma junção de saberes que muitas fazes não são moldados pela academia. São ferreiros, marceneiros, aderecistas, figurinistas pintores de arte, escultores de isopor, vimeiros, peruqueiros, chapeleiros, sapateiros, técnicos em movimentos de esculturas. Muitos desses profissionais só servem ao universo carnavalesco. Quanto aos materiais, o nome, o uso que se faz deles e as técnicas aplicadas a eles muitas vezes só servem as práticas carnavalescas das escolas de samba, mas isso é assunto pra outra prosa.

O *Manual do julgador* da LIESA diz que fantasias e alegorias devem cumprir a função de transmitir as partes do conteúdo do enredo. Assim, as fantasias são mais que um critério estático, elas devem ilustrar o enredo, por isso a importância da pesquisa iconográfica bem como do material utilizado. O material, as cores, as formas, adereços de mão, esplendores, estampas, tudo assumirá um caráter simbólico dentro do enredo e levará informações do enredo, por exemplo, peruca branca, luvas são símbolos da nobreza, búzios, tons de palha ou terrosos remetem à África ou ao período da escravidão.

As alegorias, de acordo com Farias (2007), são espaços cenográficos com a função de reforçar ideias de elementos de um subtema apresentado em uma ala ou um setor. Da mesma forma que as fantasias, para se projetar uma alegoria é necessária uma pesquisa iconográfica.

Cada carnavalesco tem seu próprio processo criativo, uns começam escolhendo as cores utilizadas, outros desenhavam primeiro as alegorias, outros as fantasias e adereços. Alguns

carnavalescos já tem as ideias para fantasias e alegorias antes mesmo da sinopse estar pronta. Mas, de uma maneira geral, podemos dividir o processo de produção de alegorias e fantasias da seguinte forma, de acordo com (SOARES E LOGUERCIO, 2017):

- 1 – divisão da temática em blocos (os chamados setores);
- 2 – desenho das fantasias e alegorias que irão representar os elementos de cada setor;
- 3 – confecção dos protótipos (modelos de cada fantasia);
- 4 – ferragem, madeiramento e decoração das alegorias.

Quando os protótipos ficam prontos, eles são apresentados para a diretoria e/ou para os segmentos (diretores de bateria e harmonia, casal de mestre-sala e porta-bandeira, diretores de alas, baianas, coreógrafos), algumas escolas fazem eventos para apresentar os protótipos. Nesse momento o carnavalesco explica o que cada fantasia significa dentro do enredo. Soares e Loguercio (2017) consideram esse momento como um movimento educacional que integra os participantes com o tema, é o momento em que se compreende o desfile. Os autores ainda afirmam que esse é um momento importante, pois articula o saber sobre o tema abordado que auxilia no entendimento de muitos conceitos, incluindo aqui os conceitos da área científica.

Depois da confecção dos protótipos, começa a fase da confecção das fantasias e alegorias, no barracão (no Rio de Janeiro, há um espaço destinado aos barracões das escolas do grupo especial, a chamada Cidade do Samba). Nesse momento o carnavalesco passa a roteirizar o desfile. Alguns carnavalescos já apresentam uma divisão prévia na sinopse. O roteiro do desfile tem a função de ordenar os setores para a apresentação, organizar a narrativa do enredo e a escola no espaço do desfile, o sambódromo. O roteiro do desfile guia os diretores de harmonia (pessoas que cuidam da organização das alas e do bom andamento do desfile), que montam a escola para o desfile no espaço da concentração e deve estar presente no livro abre-alas. O Livro abre-alas é um guia de leitura do enredo, nele constam a sinopse, os desenhos de fantasias e alegorias, a letra do samba e as justificativas para cada elemento do enredo. No livro abre-alas deve conter as explicações de cada ala, cada fantasia e de cada alegoria. Com a escola pronta e o desfile roteirizado e justificado, é hora da apresentação - o desfile na avenida Marquês de Sapucaí. Nesse espaço todos os elementos pensados e desenvolvido ao longo de vários meses irão se juntar para compor o espetáculo.



## 2. 5 – A apoteose do planeta carnaval - O desfile

“Meu coração vai a mil  
Quando a sirene tocar  
A passarela tremer  
O homem pode voar...”  
(Samba-enredo Grande Rio, 2010)

O desfile é o momento em que se encontram todos os elementos falados anteriormente, a plástica, samba, pesquisa, tema (SOARES E LOGUERCIO, 2017), e surge o enredo. Cada escola tem 70 minutos para apresentar o resultado das pesquisas e do trabalho desenvolvidos por cerca de 10 meses, e levar o público a uma verdadeira apoteose sambista. Farias (2007) diz que no desfile o texto e o audiovisual se valem de todos os itens apresentados pela escola e se cruzam, tornando-se transmissores significação. Simões (1997 *apud* FARIAS, 2007) diz que:

As escolas de samba organizam sua apresentação sob uma proposta temática a que buscam transportar para um texto multissígnico que é o desfile (...). Trazem à passarela um aglomerado de formas e cores que compõem um macrotexto e pretendem falar, juntamente com o samba-enredo, sobre o significado popular de uma dada lenda, mito, fato histórico, político, social, etc.

Os desfiles, segundo Farias (2007), é uma complexa rede de significado fragmentados que devem ser decodificados pelo público que assiste. No sambódromo são distribuídas publicações (Cante com a gente, Ensaio geral e Livro abre-alas) que descrevem todo o enredo. Esses roteiros têm a função de ajudar o público que assiste a entender o que está passando na avenida e justificar as escolhas do enredo. O desfile também é o momento em que toda a comunidade se congrega e celebra toda a herança ancestral que está ali. Usando os versos do samba exaltação da mais antiga escola de samba do Rio de Janeiro, a Portela, o desfile das escolas é “o povo na rua cantando, é feito uma reza um ritual. A procissão do samba abençoando a festa do divino carnaval”.

### Capítulo 3 – QUANDO A CIÊNCIA DESFILA NA SAPUCAÍ – ANÁLISE DE DOIS ENREDOS DE ESCOLA DE SAMBA

Para mostrar como a ciência se insere e se propaga nos enredos das escolas de samba, analisei os enredos da Imperatriz Leopoldinense para o ano de 2018 (*Uma noite real no Museu Nacional*) e da Mangueira para o carnaval de 2019 (*História pra ninar gente grande*). O enredo da Imperatriz Leopoldinense conta a história do Museu Nacional e do seu acervo, convidando o público a uma visita carnalizada ao Museu. O segundo tratando sobre a história silenciada do Brasil, promove uma discussão sobre a universalização da história do Brasil.

Ambos enredos foram desenvolvidos com a ajuda de pesquisadores e professores. O enredo da Imperatriz é uma narrativa carnalizada sobre o museu, não segue uma história linear e temporal. O enredo não é uma homenagem que visa somente contar a história do Museu Nacional, mas também mostrar a grandiosidade e a importância dessa instituição bicentenária na história do Brasil e do mundo. Por esse motivo, a narrativa é baseada em um dos guias de visitação do museu. O enredo da Mangueira vem questionando a história oficial do Brasil, contada nas escolas de educação básica. Ao contrário da Imperatriz Leopoldinense que levou para a avenida uma história carnalizada, o enredo da mangueira seguiu a linha canônica para mostrar, como seu samba diz, o avesso do mesmo lugar.

Além da análise dos enredos, serão discutidos, aqui, os ecos deles após o carnaval. As memórias que deixaram, as reflexões e discussões levantadas, bem como a importância que tiveram, não somente em suas comunidades, mas para todo o público que acompanhou o carnaval das escolas de samba.

#### 3.1 – A Imperatriz de Ramos e do samba

A escola de do bairro de Ramos nasce da vontade de se ter na região da Leopoldina uma entidade carnavalesca à altura do Recreio de Ramos, frequentados por grandes nomes da nossa música como Villa-Lobos, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres e outros mais. Foi fundada em 06 de março de 1959, numa reunião de sambistas na casa de Amaury Jório. Manoel Vieira deu o nome à agremiação, já Venâncio da Conceição escolheu as cores verde e branco. O símbolo da escola, uma coroa, foi escolhido por Agenor Gomes Pereira. É uma referência à coroa do Primeiro Reinado no qual a Imperatriz Leopoldina governou o Brasil. A madrinha da escola é o Império Serrano, o motivo das cores verde e branco. O nome da escola se deve à estrada de trem que passava pelo Bairro de Ramos. Esta, por sua vez, homenageia a Imperatriz Maria Leopoldina. E também porque seus fundadores queriam que a agremiação representasse toda a região da Leopoldina (ALBIN, 2006; MEDEIROS, 2014).

A escola foi a primeira a criar um departamento cultural, fundado por Hiram Araújo em 1967, com o objetivo de ajudar nas pesquisas de enredo e nas atividades educativas para a comunidade (ALBIN, 2006; MEDEIROS, 2014).

A identidade da Imperatriz são os enredos histórico-culturais. O seu primeiro carnaval, em 1960, teve como enredo Homenagem à *Academia de Letras* e ficou em sexto lugar. No ano seguinte, em 1961, com o enredo Riquezas e maravilhas do *Brasil*, alcançou seu primeiro campeonato.

No ano de 2018, a Imperatriz apresentou em seu desfile um enredo em homenagem aos 200 anos do Museu Nacional, *Uma noite real no Museu Nacional*, de autoria e desenvolvimento do carnavalesco Cahê Rodrigues.

### 3.1.1 Quando o museu dá samba

No ano de 2018 o Museu Nacional completou 200 anos e a Imperatriz Leopoldinense prestou uma justa homenagem à mais antiga instituição científica do país e cantou e contou na Sapucaí as histórias de “*Uma noite real no Museu Nacional*”. O enredo é de autoria do carnavalesco Cahê Rodrigues, que se debruçou no conteúdo de livros e outras publicações sobre a história do Brasil e em um roteiro de visita ao Museu, para o desenvolvimento do enredo (anexo 1). Ele contou também com os arquivos e conteúdo dos sites do Museu Nacional, da Biblioteca Nacional, da Academia Brasileira de Ciência e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve o apoio e a consultoria de professores e pesquisadores e outros profissionais do Museu Nacional, que guiaram a equipe carnavalesca da Imperatriz em visitas ao museu durante o processo de pesquisa e elaboração do enredo.

O enredo é descrito pelo próprio autor como um delírio carnavalesco. Neste delírio a escola de Ramos convida todos a uma viagem pelo Museu Nacional. É preciso destacar, aqui, que o carnavalesco usa como inspiração para este enredo o filme *Uma noite no museu*, do ano de 2006. O texto é de autoria do carnavalesco Cahê Rodrigues e de André Bonatte, do departamento cultural da Escola. É escrita de forma narrativa, como se estivesse guiando uma visita mágica ao Museu Nacional.

A ideia do enredo não foi contar somente a história do museu, mas também é um convite a uma visita ao Museu. A visita sugerida pelo carnavalesco não segue uma ordem cronológica, mas sim a um dos roteiros de visita ao Museu Nacional. Deste modo, o enredo é setorizado da seguinte forma:

SETOR 1: UMA CORTE REAL NO VERSALHES TROPICAL – contando a história do palácio que serviu de moradia para a família real e de abrigo para as diversas coleções da realeza e de repositório para as expedições científicas realizadas por Pedro II.

SETOR 2 - DA GÊNESE AO APOCALIPSE: A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DA VIDA: trata das exposições de astronomia e paleontologia, que contam sobre a origem do universo, o surgimento e evolução da vida na Terra.

SETOR 3 - UM NOVO MUNDO E SEUS NOVOS HABITANTES: VERTEBRATA ET INVERTEBRATA: Retrata as exposições zoológicas do museu, reconstruindo algumas partes das principais coleções dessa área com animais da fauna brasileira.

SETOR 4 - MISTERIOSAS CIVILIZAÇÕES DO PASSADO: Trata das exposições sobre arqueologia e antropologia. Essa exposição trata sobre antigas civilizações do continente africano, dos gregos e romanos. Remonta peças como o trono do rei de Daomé, instrumentos ritualísticos, como tambores, múmias, esculturas de deuses e deusas greco-romanos, ânforas gregas, e os Afrescos de Pompéia, além do sarcófago nunca aberto da múmia Sha-Amunem-su, que de acordo com as pinturas do Esquife, seria uma cantora do templo de Amon (RODRIGUES E BONATTE, 2018).

SETOR 5 - ANTES DE COLOMBO E CABRAL: CONSTRUINDO A AMÉRICA: remonta a exposição sobre as civilizações pré-colombianas do setor etnologia do Museu Nacional. Aqui vemos elementos da cerâmica da tribo dos Karajás, a representação de Luzia, fóssil humano mais antigo encontrado no Brasil, além da representação de objetos de povos andinos (Incas e Moches).

SETOR 6 - A QUINTA DO IMPERADOR E DO POVO BRASILEIRO – é o fim da viagem ao museu ao amanhecer. Remete ao encontro “antropológico” promovido pelos visitantes nos gramados da Quinta do Imperador, que agora pertence ao povo brasileiro. Neste setor também é retratado o jardim das princesas, que não podia ser acessado pelo público no museu. No enredo, o espaço abrigaria uma celebração entre o povo e a Escola, encerrando o carnaval.

Os autores buscam a justificativa do enredo na história da própria Escola que traz como sua identidade os enredos históricos. A agremiação compreende a importância cultural e social do carnaval e o seu potencial para atingir milhões de pessoas e servir como ponto de partida para estudos e reflexões, tanto que foi a primeira escola de samba a criar um departamento cultural para ajudar no desenvolvimento dos enredos (RODRIGUES E BONATTE, 2018). Dão ênfase

no fato de que a patronesse da Escola, que lhe dá nome e ao ramal ferroviário é a Imperatriz Carolina Josefa Leopoldina, esposa de D. Pedro I. Ela foi uma das que influenciaram D. João VI na construção de uma instituição para promover ciência no Brasil. Assim, no ano em que o Museu Nacional completou 200 anos, a agremiação que carrega o nome de uma entusiasta do museu entendeu que era seu dever homenagear esta grande instituição científica, primeira do Brasil, em seu carnaval.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Oi Futuro revelou que metade dos brasileiros vê os museus como espaços monótonos e elitizados, ou seja, espaços onde nada de novo ocorre e destinados a elite da população, elite intelectual e econômica. Por isso a maior parte dos brasileiros tem o primeiro contato com museus na escola, como afirmou o antropólogo Michel Alcoforado o Instituto Oi Futuro. De acordo com a pesquisa, 82% do público frequentador de museus, aqueles que vão a museus mais de uma vez ao ano, é formado por pessoas da classe A e B. Dessa maneira O enredo da Imperatriz Leopoldinense contribuiu para aproximar ainda mais o seu público, principalmente os moradores da sua comunidade (região da Leopoldina), do Museu Nacional. Pelo modo como foi construído e desenvolvido, o enredo colocou seu público, sua comunidade em contato direto com o Museu Nacional, e possibilitou que fosse visto os trabalhos realizados por professores e pesquisadores na instituição, desmistificando a imagem elitizada do Museu.

### 3.2 –A Estação Primeira do samba

A tradicional escola do Morro de Mangueira, é considerada uma das matriarcas do samba, de acordo com Fabato *et al.* (2016), é uma das escolas de samba mais antigas do carnaval carioca. O seu nascimento faz parte da história do morro que lhe dá nome.

O Morro de Mangueira nasce pelas mãos de escravos fugidos que usavam o terreno localizado atrás do Palácio Real para se esconderem. Nessa época era chamado de Morro do Pedregulho, só em 1889, após a abolição e após a instalação da linha ferroviária, passou a se chamar Morro da Mangueira, nome também da extinta estação de trem, devido ao grande número de mangueiras (a árvore). Pela sua origem, o candomblé e a umbanda era a religião predominante, um dos motivos de não poderem descer o morro para brincar o carnaval junto com a elite branca do Rio de Janeiro e também por causa da bebida, gritaria, xingamentos e confusões. Então os terreiros de Tia Fé, Chiquinho Crioulo, de Minan e Maria Rainha, entre outros serviam como locais de celebrações, festas, formação de blocos e muito samba. Os homens da comunidade fundaram um bloco para brincarem o carnaval, o bloco dos

*Arengueiros* (que significa bagunça, farra) que desfilou pela primeira vez em 1923 (ALBIN, 2006; G.R.E.S.E.P. MANGUEIRA, 2019; PEIXE, SANT'ANNA E ALVES, 2019). Existiam outros blocos no morro, mas em 28 de abril de 1928, decidiram unir os blocos dos Arengueiros, Bloco da Tia Tomásia, Bloco da Tia Fé, Bloco do Senhor Júlio, Bloco do Mestre Galdino e, ainda, Rancho Príncipe das Florestas para desfilarem na Praça Onze. Angenor de Oliveira (Cartola), Saturnino Gonçalves (Seu Saturnino), Abelardo da Bolinha, Carlos Moreira de Castro (Carlos Cachça), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Euclides Roberto dos Santos (Seu Euclides), Marcelino José Claudino (Seu Maçu) e Pedro Paquetá se reuniram na casa de Joana Velho, esposa de Seu Euclides, pai de João Cocada e fundaram o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, mais conhecida atualmente como Mangueira. As cores foram sugestão de Cartola, o verde e rosa, do Rancho do Arrepiado de Laranjeiras. Cartola contava que adotou as cores do rancho porque achava bonita a combinação do caule verde com as pétalas rosas da flor. O nome da escola é Estação Primeira porque era a primeira parada do trem, que partia da antiga estação Dom Pedro (a atual Estação Central) em direção ao subúrbio, que havia samba.

A Estação Primeira de Mangueira possui 20 títulos e é a segunda maior campeã do carnaval carioca, perdendo apenas para a Portela, com 22 títulos (ALBIN, 2006; GALERIA DO SAMBA, 2009; PEIXE, SANT'ANNA E ALVES, 2019). Em seus enredos, Mangueira busca sempre falar da história e cultura do Brasil. Nos últimos três anos vem lançando mão de um tom crítico em seus carnavais. No carnaval de 2019, a Mangueira apresentou o enredo *História pra ninar gente grande* de autoria e desenvolvimento do carnavalesco Leandro Vieira. O enredo faz uma crítica à história oficial contada nos livros didáticos. Com este enredo a Mangueira sagrou-se campeã do carnaval carioca de 2019.

### 3.2.1 – Mangueira tira a poeira dos porões da história do Brasil.

Para o ano de 2019, a Estação Primeira apresentou na avenida o enredo *História para ninar gente grande*. O enredo é um questionamento à história oficial do Brasil, que reduziu em suas páginas a participação de personagens populares, negros e indígenas. Para a construção da narrativa o carnavalesco Leandro Vieira se baseou em 8 livros sobre a história do Brasil (anexo 2), e contou ainda com a consultoria dos professores de história e historiadores Danielle Jardim da Silva (professora da Escola Municipal Maria Clara Machado); Luiz Antônio

Simas – (Historiador, professor e escritor); Tarcísio Motta (Professor do Colégio Pedro II) e Thais Souza Bastos (Historiadora e Professora de Educação Infantil no EDI M.O. Sergio Dutra dos Santos), que também escreveram os textos exibidos na última alegoria da Mangueira.

É necessário esclarecer que em nenhum momento o enredo da Mangueira conta uma história do Brasil que não é pesquisada, estudada, pelo contrário. Segundo o historiador e professor Luiz Antônio Simas (2019), que foi um dos professores que ajudaram no desenvolvimento do enredo, os personagens que aparecem no enredo da Mangueira são levados para as salas de aula por professores comprometidos com uma visão plural e questionadora sobre os protagonismos viciados no ensino da história e que colocam o povo não como objeto, mas sim como protagonista da história do país. O que o enredo da Mangueira faz é tirar essa história dos porões da academia e leva ao povo, porque a história é do povo, é o povo.

O enredo é perpassa por cinco momentos da história do Brasil: o descobrimento, a independência, a abolição dos escravizados, proclamação da república e ditadura militar. Para cada um desses momento o texto traz contestações às versões oficiais e traz à luz personagens ocultados, trancados no porão da história do Brasil. Um trecho da sinopse diz que:

“...A predominância das versões históricas mais bem-sucedidas está associada à consagração de versões elitizadas, no geral, escrita pelos detentores do prestígio econômico, político, militar e educacional - valendo lembrar que o domínio da escrita durante período considerável foi quase que uma exclusividade das elites – e, por consequência natural, é esta a versão que determina no imaginário nacional a memória coletiva dos fatos.” (VIEIRA, 2019)

Nos foi contada uma única versão da história do Brasil, e sobre história única peço àgò (licença), para trazer para esse *xirê* científico a autora Chimamanda Ngozi Adichie. Sobre em livro *O perigo de uma história única* Adichie (2018) diz, “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Ou seja, o uma versão da história contada por diversas vezes se torna a real. A autora continua:

“O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espolar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar”.

Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.” (ADICHIE, 2018)

O poder da autoridade de se contar a história de outras pessoas e de fazer que essa seja a verdadeira história. A manipulação da história de um povo serve às elites, para que dominem esse povo. Quando se começa a história do Brasil pela chegada de Cabral, em 1500, ignorase os povos que já existiam aqui antes disso, e colocam os colonizadores como os salvadores da pátria, sem eles nada existiria. Colocar os colonizadores como os salvadores dessa pátria e veicular essa história por décadas, coloca todos os que já estavam por aqui e os que vieram sequestrados e escravizados por eles como subalternos. Com uma história única temos também uma cultura dominadora, tida como padrão. Ora, se os colonizadores europeus são os salvadores, logo eles são os melhores, e a sua cultura, conseqüentemente, é superior, a correta, criando estereótipos. Sobre isso Adichie (2018) nos diz: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos”. Assim os indígenas ganharam a fama de indolentes e africanos de preguiçosos.

O enredo da Mangureira vem justamente questionando essa história única e mostrando uma outra face da história do Brasil, que a grande massa da população desconhece, porque não é interessante para quem domina o país que se conheça outras versões dessa história.

A visão do enredo da Estação Primeira é que a versão contada da história do Brasil é escrita pela elite detentora do poder político, econômico e educacional para dominar a população e “ninar na infância, para que quando gente grande, se continue em sono profundo” (VIEIRA, 2019). Omite-se a participação do povo em alguns processos políticos sociais, escondem-se as lideranças populares para que aqueles que detinham o domínio político-econômico pudessem sagrar-se como os heróis, salvadores do povo. Batista (2019) diz que a narrativa da Estação Primeira está escrita na posição de silenciamento, ou seja, está baseada no fato de que há heróis que foram apagados e silenciados na história oficial do Brasil. O mesmo autor diz que o enredo transgredir a versão da história apresentada nos livros didáticos, mostrando personagens pouco ou nada conhecidos e reverenciados pela sociedade, mas de conhecimento da academia.



A proposta do enredo é provocar uma reflexão para descolonizar a história do Brasil. Descolonizar no sentido de suplantar os falsos universais sustentados pela epistemologia eurocêntrica que impõe somente um ponto de vista sobre os fatos, silenciando outros conhecimentos (GROSGUÉL, 2012). Para Oliveira (2017), descolonizar envolve reconhecer que o conhecimento, muitas vezes manifesta a perspectiva de um determinado grupo, que se mantém em posições de privilégios e supremacia. Para a autora, parte daí a necessidade se questionar por que alguns fatos históricos são revelados e contados e outros não. O enredo aqui tratado, ao contestar a história oficial, estaria provocando um questionamento a respeito de sobre qual ponto de vista a história do Brasil é contada. Ao apresentar personagens que foram diminuídos pela história oficial, o enredo põe no centro da história os subalternizados pelos colonizadores. Eles são tratados nesta narrativa como os verdadeiros heróis do Brasil. Estão presentes nos enredos Luiza Mahin, Chico da Matilde, Cunhambebe, Maria Felipa, Sepé Tiaraju e Aqualtune, que não aparecem na narrativa oficial. Ainda reverencia a história de outros, como Zumbi e Dandara dos Palmares e Luís Gama. Os heróis oficiais, emoldurados pelos livros, são descaracterizados, ganhando uma versão jocosa ou assumindo da forma de vilões do povo.

Para Pedrosa (2019) a Mangureira apresenta uma história do Brasil diferenciada em dois sentidos. Primeiro, da institucionalização do conhecimento histórico, por universidades e institutos históricos e a expansão da história pública. O segundo, das abordagens que valorizam as lutas populares. Carvalho (2017) diz que história pública se refere à atuação de historiadores e do método histórico fora da academia. Pedrosa (2019) ainda diz que a história pública não é feita apenas por historiadores com formação acadêmica. Como vemos nos meios de comunicação é comum jornalistas, advogados, pesquisadores independentes e autodidatas produzindo e divulgando textos sobre história geral e do Brasil. Isto é uma forma de popularizar o conhecimento e buscar um diálogo entre academia, grande público, seja ele especializado ou não. A história pública, então, é uma possibilidade de divulgação da história, de democratização da história sem perder o poder de análise. O enredo da Mangureira seria, portanto, um exemplo de história pública. Traz um texto sobre a História do Brasil com uma abordagem diferente do que a encontrada no ensino básico valorizando, as minorias classes populares e elementos esquecidos, ao invés dos grandes personagens e sua trajetória política. O enredo da Mangureira apresenta a história do Brasil vista de baixo, vai ao encontro de uma corrente historiográfica inglesa que valoriza o papel das massas, geralmente postas ou deixadas no anonimato (PEDROSA, 2019). Esta corrente explora as experiências históricas de homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada (SHAPER, 1992).

Em uma entrevista concedida ao telejornal local da Rede Globo RJ TV1, Leandro Vieira diz que:

“O carnaval pode, mais do que ser bonito, mais do que ser festa, despertar a consciência. Num país onde a educação é um negócio tão caro, onde ela não pra todo mundo, ter algum canal, seja lá qual for o canal, é muito importante. Fico feliz que meu canal seja grande. Meu canal é a Mangueira, para levar essa possibilidade de reflexão, de despertar consciência”. (VIEIRA, 2019)

Pode-se observar que o enredo da Mangueira tem um tom crítico e político, pois além de denunciar uma visão eurocêntrica e cobrar o lugar de direito de populares no centro da história do Brasil, quer, também, provocar questionamentos e reflexões e desperta uma consciência sobre a história e a sociedade brasileira. E ainda, divulgar ao público um lado da história do Brasil que antes estava ocultado na academia. Sendo assim, o pode se dizer que o enredo fez divulgação científica (DC). Bueno (2010) diz que é papel da DC buscar permitir que o público não especializado compreenda o mundo em que vive. Em concordância com Albagli (1996), que afirma que uma das vertentes da DC é o seu caráter social e cívico. Para a autora as informações científicas devem esclarecer os cidadãos sobre o desenvolvimento científico, mas também a respeito de fatos sociais, econômicos, políticos.

A história do Brasil apresentada pela Mangueira é estudada, pesquisada e ensinada por muitos historiadores do país desde os anos de 1980, de acordo com Mattos, Abreu e Grinberg (2019). Como dito anteriormente, documento, textos, artigos e teses ajudaram a fundamentar a narrativa proposta pela escola. O enredo da Mangueira tornou claro para o grande público o que já era sabido por muitos especialistas. As autoras ainda afirmam que as escolas de samba sempre foram lugar de produção de pensamento crítico e de divulgação da história do Brasil.

### 3.3 – Os ecos da folia - Os enredos para além do carnaval

Os carnavais da Imperatriz Leopoldinense de 2018 e da Estação Primeira de Mangueira de 2019, contrariando a regra, não acabaram na quarta-feira de cinzas. Muito pelo contrário, eles tiveram desdobramentos durante o ano de 2018 e 2019 respectivamente.

No dia 2 de setembro, um fatídico incêndio destruiu o prédio e queimou boa parte do acervo do Museu Nacional e também as fantasias da Imperatriz que compunham a exposição. O desfile ganhou sentido ainda maior depois do ocorrido e se tornou o relicário do bicentenário do museu nacional, como diz a letra do seu samba enredo. O que era uma homenagem, agora é um registro do que foi um dia o Museu Nacional e do que ele abrigava. Após o incêndio as imagens do desfile foram veiculadas em inúmeros jornais impressos, sites, em noticiários na televisão. Fantasias e alegorias reproduziram algumas peças das principais exposições do museu. O carro abre-alas (o primeiro do desfile), por exemplo, é uma réplica da faixada do Museu, no carro 4 está a estátua da deusa Isis, a múmia Sha-Amun-emsu, os afrescos de Pompéia e o torso da deusa Vênus; nas alas, aparecem o trono do rei de Daomé, as ânforas gregas, a cerâmica indígena Marajoara, Tikuna, Karajá, a arte mochica. Isso, além dos elementos das coleções zoológicas e paleontológicas. O desfile da Imperatriz Leopoldinense, de forma carnalizada e didática, levou para milhares de pessoas que assistiram seu desfile da Sapucaí e pela televisão, a história e o acervo do Museu Nacional, bem como mostrou a sua importância para a educação e a ciência brasileira.

É preciso destacar que antes do desfile no carnaval, a Imperatriz e o Museu Nacional firmaram uma parceria, que não só possibilitou o desenvolvimento do enredo, mas propiciou a aproximação e o diálogo entre a população e o museu. Então os desdobramentos do enredo da Imperatriz começaram antes mesmo do carnaval, resultando em um projeto de extensão (A ciência dá samba), que teve por objetivo popularizar a história do Museu Nacional e seu papel para a ciência do Brasil (DANTAS, 2018). O projeto ofereceu palestras, visitas guiadas, oficinas, e atividades lúdicas para que promover a vivência da comunidade da agremiação com o museu, enredo da escola, culminando com a exposição após o desfile (RAMOS, 2018). Esta aproximação se deu em dois momentos, o primeiro quando a agremiação vai até o museu, instituição científica e universitária. O segundo, quando a instituição científica vai até a agremiação.

No primeiro momento o Museu Nacional se abriu para receber os trabalhadores, moradores, jovens e crianças que compõem Imperatriz Leopoldinense para a integração da instituição com a escola de samba. O lançamento do enredo foi feito no auditório do museu, bem como a realização do seminário “A importância do carnaval carioca”, em parceria com Estação Primeira de Mangueira. Além disso, foram realizados dois ensaios técnicos na Quinta da Boa Vista, na área próxima ao museu. Nos dias dos dois ensaios foram feitas visitas guiadas com os participantes, seguindo o roteiro de visita utilizado no enredo.

O segundo movimento foi a ida do museu na escola de samba. Ouve a presença de representantes da instituição no final da disputa de samba enredo, na festa de lançamento das fantasias e além disso, foram realizadas de suas atividades na quadra da escola de samba. A imperatriz Leopoldinense estimulou os integrantes da comunidade do Museu Nacional a participarem do seu desfile. Deste modo, foram realizados ensaios em horários extras e reservadas fantasias das alas comerciais com preços diferenciados para alunos e servidores do museu.

Após o carnaval, o enredo da Imperatriz Leopoldinense foi para o Museu Nacional. Com a exposição *O Museu dá Samba - A Imperatriz é o Relicário no Bicentenário do Museu Nacional*, onde 30 fantasias do desfile da imperatriz passaram a integrar as principais salas de exposições do Museu Nacional. Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional, disse que a exposição das fantasias do desfile possibilita a visualização dos os personagens históricos e a relação com o desenvolvimento das ciências naturais e antropológicas. A exposição inaugurada em 18 de maio de 2018, foi pensada para que as fantasias estivessem em sintonia com as peças das exposições do museu. As fantasias escolhidas representavam cada área de conhecimento desenvolvida no Museu Nacional – Botânica, Zoologia, Geologia, Paleontologia e Antropologia – cada fantasia em suas respectivas salas. Além das fantasias, a exposição também contou com um vídeo com um depoimento de carnavalesco Cahê Rodrigues para que os visitantes compreendessem a importância e a grandeza do trabalho realizado pela escola de samba (Museu Nacional, 2018). De acordo com Dantas (2018), a exposição foi uma forma de retribuir a homenagem e de mostrar ao público que visitava o museu o trabalho da agremiação. Todas essas ações, nos dois momentos, visaram uma maior integração entre as comunidades do museu e da escola de samba, bem como a realização de divulgação científica.

O enredo da Estação Primeira ainda reverbera sua mensagem pelo Brasil. Assim como o enredo da Imperatriz, o enredo da Mangueira foi festejado pela comunidade, e pelos pesquisadores e professores na área das ciências humanas. Com um tom crítico e fazendo oposição ao atual quadro político do Brasil, o enredo logo caiu no gosto da comunidade do morro de Mangueira, dos torcedores, sambistas e da parcela militante da população. O enredo foi tema de matéria dos principais jornais e revistas do Brasil e passou a integrar discussões políticas, sobre história do Brasil e educação.

Após o desfile, a escola continuou promovendo seu enredo. Foi desenvolvido o espetáculo *Matrizes*, apresentado semanalmente na Cidade do Samba, dentro do barracão da escola. O espetáculo mostra o protagonismo de negros e mulheres no desenvolvimento da cultural e

social da cidade do Rio de Janeiro, mas também é um convite a população carioca à conhecer o barracão da escola e olhar de perto fantasias, alegorias e demais elementos que compuseram o enredo da Mangueira. A proposta é que o espetáculo dure até o desenvolvimento do próximo enredo. Além disso, está em processo a montagem de uma exposição de curta temporada que pode levar, assim como no caso da Imperatriz, o enredo da Mangueira para o Museu Histórico Nacional.

O enredo também se transformou em feira de ciências em escolas de educação básica. Os personagens e algumas questões levantadas no enredo foram utilizadas nesses eventos para ampliar a visão dos alunos sobre a história do Brasil e fomentar discussões sobre os processos sociais que aqui ocorrem. O samba-enredo passou a fazer parte do repertório de corais e bandas de escolas. Ainda em escolas, professores aproveitaram o enredo para trabalhos em aula, como noticiaram os sites carnavalescos como SRZD e Setor 1. Os professores utilizaram o samba enredo da Mangueira para falar com seus alunos sobre personagens históricos que não estão presentes nos livros didáticos. O enredo repercutiu no âmbito acadêmico, ganhou análise de professores da Associação Nacional de História (ANPUH), foi tema de trabalho no 30º Simpósio Nacional de História (*A história que a história não conta*": Uma análise do enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira para o carnaval de 2019, de autoria de Ynayan Lyra Souza). Ambas publicações classificando o enredo como um divulgador de história. O Observatório de Carnaval da UFRJ (OBCAR/UFRJ), através do site carnavalesco, também publicou sobre o enredo da Mangueira. No texto, Almeida (2019) afirma que o enredo buscou ouvir os ecos que não estão presentes nos livros oficiais. Possibilitou, através do samba enredo cantado, não só no sambódromo, mas em casa, no trabalho, na rua, na sala de aula, a transmissão dessas histórias silenciadas. Algumas páginas dedicadas a divulgação de história também fizeram publicações sobre o enredo, a exemplo, os blogs Café com Sociologia (Do morro ao sambódromo. Do sambódromo às aulas de sociologia), Conversa com historiadoras (Viva o carnaval!), e o site Recanto das letras (História Pública e o Samba Enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (2019)).

Para além dos ecos, o enredo da Mangueira de 2019 despertou a atenção para o potencial que uma escola de samba possui de chamar a atenção da população para uma discussão que já se fazia na academia, e afetar essa população de tal forma, fazendo-a questionar e se posicionar diante do discurso proposto.

CONCLUSÃO – Para tudo não se acabar na quarta-feira

Um enredo de escolas de samba, como foi visto e ao longo deste trabalho, é fruto de um intenso e extenso trabalho realizado pelas mãos de muitas pessoas. O enredo apresentado na Sapucaí é o resultado de pesquisas realizadas por carnavalescos ou comissão de carnaval e pesquisadores.

O conhecimento científico por muito tempo ficou preso aos centros de pesquisas e universidades. Mas sabendo que as pesquisas científicas são frutos das necessidades da sociedade, que elas acontecem para sanar algum problema que atinge uma população, se faz necessário aproximar essa população do meio acadêmico, ou melhor, levar todo esse conhecimento produzido na academia para toda a população. É como uma prestação de contas com a sociedade. Se a ciência se faz para, pela e com a sociedade, nada mais justo do que compartilhar esses conhecimentos.

Ainda hoje, há nos meios e modelos de divulgação científica uma dificuldade para atingir boa parte da população. Apesar de muitos esforços da utilização de mídias como o rádio, a televisão, cinema, livros e a internet, ainda há uma parcela há um déficit na divulgação de ciência. Os enredos das escolas de samba ocupariam uma lacuna para minimizar o problema da divulgação de ciência, já que é um grande canal de comunicação com um público vasto. E sabendo explorar os enredos, podem ecoar para além da Praça da Apoteose e permanecer nas memórias muito além da quarta-feira de cinzas.

Os enredos da Imperatriz e de Mangueira são exemplos de como o popular e o acadêmico podem interagir em uma parceria de sucesso. No caso da Imperatriz, o resultado não veio em forma de campeonato ou troféu. A escola apresentou um desfile com problemas na harmonia e alegorias que resvalaram na evolução da escola, comprometendo o seu desempenho. Porém, o enredo cumpriu o seu papel de mostrar em rede internacional a primeira instituição científica do Brasil em seu bicentenário. Sabendo que o público que visita museus é menor do que se gostaria e que há um notório descaso do poder público com o nosso patrimônio histórico e científico, levar para a Sapucaí a história do Museu Nacional e traduzir seu acervo em fantasias, alegorias e samba foi um grande feito da Imperatriz. A escola pode despertar a atenção do público que assistiu, seja de casa, pela televisão, ou do sambódromo, e mesmo das pessoas da comunidade, para a existência de uma instituição nossa que faz um belo trabalho na produção de conhecimento. E foi além, através de uma parceria com professores e pesquisadores da instituição, levou o Museu para comunidade de Ramos e a comunidade para conhecer o Museu e o trabalhos realizados lá. Houve uma aproximação entre o acadêmico e o popular, o conhecimento científico chegou ao público. O enredo e o desfile se tornaram mais significativos após o incêndio do Museu. Para muitos, que participaram desse

carnaval da Imperatriz e que nunca visitaram ao Museu, o desfile é a imagem que fica no Imaginário. Aqueles que visitaram o Museu por conta do enredo foram privilegiados em conhecer de perto a instituição.

No caso de Mangueira, todo o auê, o agito, causado no público de dentro e de fora do carnaval, antes e durante o carnaval, foi coroado com o título de campeã do carnaval carioca do ano de 2019. O carnavalesco não fez nenhuma parceria com instituições científicas, mas buscou a ajuda de professores e pesquisadores durante a fase de pesquisa. O enredo sintetizou diversos trabalhos acadêmicos discutidos em congressos, simpósios e encontros de história pública. Levou à Sapucaí um conteúdo que já circulava e era discutido no meio acadêmico, porém pouco conhecido ou até desconhecido por grande parte da sociedade brasileira. A aproximação entre a academia e carnaval, aqui, foi bem-sucedida porque o enredo conseguiu ser passado com clareza ao público, com uma linguagem de fácil compreensão. Os conteúdos dos livros e artigos utilizados para pesquisa do enredo estavam presentes na sinopse, nas fantasias, alegorias e no samba. O que Mangueira fez na Sapucaí em 2019 foi história pública, foi divulgação científica. Uma parte pouco popular da história do Brasil, uma história pouco discutida fora do meio acadêmico, circulou na avenida do maior espetáculo da Terra, e transmitida em rede internacional para mais de 100 países e vista por milhares de pessoas, se não informou, pelo menos provocou algumas reflexões sobre os saberes sobre a história deste país.

A imperatriz Leopoldinense fez um enredo canônico, uma parte da história dita oficial do Brasil. Não fez nenhuma crítica social ou sobre a perspectiva que temos da história do Brasil, simplesmente mostra a história do Museu tal qual é conhecida. Não aparece na narrativa da escola de Ramos críticas ou contestações, por exemplo, sobre quem teria acesso à ciência que os monarcas desejavam desenvolver no Brasil, nem de modo sarcófagos e outras peças vindas de outros continentes, principalmente da África, chegaram às mãos do imperador e da imperatriz. O enredo da Mangueira foi contestador, reivindicava o protagonismo daqueles que foram subalternizados na história. Foi uma crítica à história oficial, e como diz Chimamanda Adichie (2018), única do Brasil. A todo tempo os “heróis emoldurados” são criticados e é mostrado que para cada uma de seus atos heroicos houve muita luta, e muito derramamento de sangue indígena e negro.

Os dois enredos se relacionam com as ciências de modo diferente, tanto na narrativa quanto no desenvolvimento do enredo. Um buscando apoio direto de uma instituição científica para a construção de seu enredo, levando a instituição científica para dentro da escola e levando a escola para a instituição, narrando a história oficial. O outro, fez circular pela população um saber muito discutido no âmbito acadêmico, contando uma história do Brasil protagonizada

por negros e indígenas, pelas massas populares, porém desconhecida do povo. Esses dois enredos mostram o potencial do carnaval das escolas de sambas em serem instrumentos para se divulgar ciência, para fazer circular saberes.

Ao fim deste trabalho, me chama a atenção que, para além de serem um patrimônio cultural, as escolas de samba possuem um potencial educacional. Saberes tradicionais, valores civilizatórios afro-brasileiros estão preservados ali. E, apesar de estarem sendo embranquecidas, as escolas de samba continuam sendo espaços importantes para manutenção e propagação da cultura negra, onde circulam saberes, sabores e a fé do povo negro, onde se celebra a ancestralidade. São locais aonde variados saberes se cruzam e conversam, e fazem samba, produzindo um espetáculo de tamanha grandeza. Mas isso é papo para outros carnavais, outros enredos. O fato é que, seja do ponto de vista cultural, educacional ou científico, as escolas de samba são instituições de grande importância para a sociedade.

Enquanto o reconhecimento devido não chega, sigamos batucando e fazendo samba para que a porta-bandeira continue girando seu pavilhão e as baianas as suas saias, espalhando entre nós o axé!



## REFERÊNCIAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996

ALBIN, R. C. **G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira**. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/g-r-e-s-estacao-primeira-demangueira/dados-artisticos>. Acessado em: 28/01/2019.

ALBIN, R. C. **G. R. E. S. Imperatriz Leopoldinense**. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/g-r-e-s-imperatrizleopoldinense/dados-artisticos>. Acesso em 28/01/2019.

ALVES, R. B. B. **Não fomos catequizados, fizemos foi carnaval: desfile de escola de samba como ferramenta para a divulgação científica**. 2011. 77 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em biblioteconomia e gestão de unidades de informação) - Administração e ciências contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1080/4/RBBAves.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

Barros, H. L. 1992 de Quatro cantos de origem. nov. **Perspicillum**, v. 6, n. 1.

BARROS, P. **Sem segredo. Estratégia, inovação e criatividade**. 1ª ed. 202 p. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

BLASS, L. M. S. **Desfile na avenida, trabalho nas escolas de samba. A dupla face do carnaval**. 1ª ed. 176 p. Annablume, 2007

BUENO, W. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. p.157-78.

BUENO, W. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010.

CABRAL, S. **Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. 1. ed. v. 1. l. 6858. Rio de Janeiro: Lazuli, 2011.

CATTANI, H. C. **O Uso do Samba de Enredo Como Ferramenta Didática Auxiliar no Ensino de História: O Carnaval do ano 2000**. 2008. 62 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/monografias/HelenaCattani.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

COSTA, H. **Carnaval: dos ticumbís, cucumbís, entrudo e sociedade carnavalescas aos dias atuais**. 1 ed., l.73. Livro disponível no Kindle. 2012

DANTAS, R. M. M. C. Quando um museu dá samba: a popularização do Museu Nacional da UFRJ no Carnaval carioca. In: OLIVEIRA, Antonio J.B. (Org.). **A Universidade e Lugares de Memória**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

DANTAS, R. M. M. C. O museu dá samba: comemorações do bicentenário do Museu Nacional/UFRJ. In: 16º seminário Nacional de História e da tecnologia. UFCG/UEPB, Campina Grande, PB. 2018. Disponível em: [https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545179500\\_ARQUIVO\\_TrabalhoReginaSamba-rev.pdf](https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1545179500_ARQUIVO_TrabalhoReginaSamba-rev.pdf). Acesso em: 15/07/2019.

DECCACHE-MAIA, E.; MESSEDER, J. C. Carnaval carioca e o ensino de ciências a partir de uma perspectiva CTS: uma relação possível. In: Congresso Iberoamericano de Ciencia, Tecnologia, Inovação e Educação, 2014, Buenos Aires, Argentina. **Anais**. 2014. p. 1-16. Disponível em: <<https://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/586.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2018.

DINIZ, A. **O almanaque do carnaval brasileiro**. 1 ed. 270 p. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

DINIZ, A.; CUNHA, D. **Na passarela do samba. O esplendor das escolas de samba em 30 anos de desfile de carnaval no sambódromo**. 1 ed. 288 p. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014.

DINIZ, A; MEDEIROS, A; FABATO, F. **As Três Irmãs - Como um trio de penetras "arrombou a festa"** 1.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Terra Editora e Distribuidora, 2014.

FABATO, F. *et al.* **As matriarcas da avenida: quatro grandes escolas que revolucionaram o maior show da Terra**. Rio de Janeiro, RJ, Novaterra, 266 p. 2016.  
GROSGUÉL, R. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial**. *Contemporânea*, 2(2), 337-362. 2012

FARIAS, J. C. **O enredo de escola de samba**. 1 ed. 240 p. Rio de Janeiro: Litteris. 2007

FERREIRA, F. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. 1 ed. 421 p. Rio de Janeiro: Ediouro. 2004

GALERIA DO SAMBA. **Estação Primeira de Mangueira**. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/estacao-primeira-de-mangueira/>>. Acesso em: 28/01/2019

GALERIA DO SAMBA. **Imperatriz Leopoldinense**. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperatriz-leopoldinense/>>. Acesso em: 28/01/2018

GARROTI, C. P. O carnaval populariza a ciência?. **Revista do EDICC (Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura)**, Unicamp, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 15-25, jul. 2014. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/4079/3710>>. Acesso em: 05 maio 2018.

G.R.E.S.E.P. MANGUEIRA. **História do Morro**. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/historiamorro>>. Acesso em: 28/01/2019

GROSS, M. E JUDICE, F. 'Mais do que ser bonito, ser festa, o carnaval pode despertar consciência', diz carnavalesco da Mangueira. **G1**. Rio de Janeiro, 07 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/07/maisdo-que-ser-bonito-ser-festa-o-carnaval-pode-despertar-consciencia-diz-carnavalesco-damangueira.ghtml>>. Acesso em: 20/04/2019.

JESUS, I. R. D.; LIMA, A. S.; OLIVEIRA, A. B. Análise dos desfiles de carnaval do Rio de Janeiro sob a ótica do método multicritério lexicográfico. **Engevista**, UFF, Niteroi, RJ, v. 14, n. 1, p. 87-98, abr. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/engevista/article/view/8899/6369>>. Acesso em: 05 maio 2018.

LIESA. **Manual do Julgador 2018**. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

LOPES, N.; SIMAS, L. A. **Dicionário da história social do samba**. 1 ed. 336p. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015.

MAGALHÃES, R. **Fazendo carnaval**. 1 ed., Vol. 1 Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar. 1997.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT) e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998

MATTOS, H; ABREU, M.; GRINBERG, K. **ANPUH responde: Estação Primeira de Mangueira**. Publicado em: 12/03/2019. Acesso em: 16/07/2019.

MENDONÇA, A. V. Carnavalesco que fez enredo sobre Museu Nacional diz que muitas coleções nunca foram expostas por falta de condições. **G1**. Rio de Janeiro, 03 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/03/carnavalesco-que-fez-enredo-sobre-museu-nacional-diz-que-muitas-colecoes-nunca-foram-expostas-porfalta-de-condicoes.ghtml>>. Acesso em 20/04/2019.

MORAES, E. **História do carnaval carioca**. 259 p. Rio de Janeiro: Record. 1987

MOREIRA, I. C. A ciência e o carnaval brasileiro. In: MASSARANI, L. (Org.). **RedPOP: 25 años de popularización de la ciencia en América Latina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz: RedPOP; Montevideu: Unesco. p. 75-96. 2015 Disponível em: <<http://www.redpop.org/wp-content/uploads/2015/06/RedPOP-25a%C3%B1os-de-popularizaci%C3%B3n-de-la-ciencia-en-Am%C3%A9rica-Latina.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. Ciência e Público. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Ciência/UFRS. p. 43-64. v. 1. 2002. Disponível em: <<http://www.redpop.org/wpcontent/uploads/2015/06/Ci%C3%Aancia-e-P%C3%BAblico-caminhos-dadivulga%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2018.

MUSEU NACIONAL. **Exposição de fantasias da Imperatriz Leopoldinense**. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/destaques/samba.html>. Acesso em: 15/07/2019.

OLIVEIRA, E. C. S. Histórias para descolonizar o pensamento. **Revista Psicologia e Sociedade**, V. 29. Página 1 – 4. Universidade Federal de Alagoas, Maceió/AL, Brasil Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e163117.pdf> Acesso em: 09/07/2019.

OLIVEIRA, L. F., CANDAU, V. M. F Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.. **Educação em Revista** | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/02.pdf> 09/07/2019

PEDROSA, F. A. C. **História Pública e o Samba Enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (2019)**. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/6602333>>. Publicado em: 19/03/2019. Acesso em: 16/07/2019

PEIXE *et al.* A Mangueira – história da Mangueira. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/historiamangueira>>. Acesso em: 28/01/2019

PORFIRIO, A. L. Entre barracões de escolas de samba e a sala de aula: circulando os saberes da arte do carnaval. **Transversos: Revista de História**. UERJ, Rio de Janeiro, n. 09, p. 46 – 70. Abril de 2015.

RAMOS, R. R. C. **A ciência dá samba: ações extensionistas do Museu Nacional com a comunidade da Imperatriz Leopoldinense**. Disponível em: <<http://museunacional.ufrj.br/dir/extensao/a%C3%A7oes%20de%20extensao.html>>. Acesso em: 15/07/2019

SATURNINO, R. J. **Do papel à fantasia: representações da literatura brasileira nos desfiles das escolas de samba**. 2001. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Letras, PUC, Rio de Janeiro, 2001.

SHARPE, J. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas perspectivas. Trad. Madga Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992, p. 41.

**CARVALHO, B. L. P.** História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 16/07/2019.

SMITH M. Brasileiro vê museu como espaço monótono e elitizado, diz pesquisa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22.de maio de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/brasileiro-ve-museu-como-espacomonotono-e-elitizado-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 10/09/2019.

SOARES, A. C. **Entre confetes e serpentinas**: é a ciência pedindo passagem. 2016. 132 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde do Departamento de Bioquímica) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141315/000991700.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 maio 2018.

SOARES, A. C.; LOGUERCIO, R. Q. **A ciência no universo da folia**. 1ª ed. 141 p. Curitiba, Paraná: Appris. 2017

SOUZA, C. H. G. N. **O desfile das escolas de samba na televisão: vinte anos de sambódromo.** 2004. Trabalho de conclusão de curso. (Curso de comunicação social com habilitação em jornalismo). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. 2004.

TRAMONTE, C. **O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba.** 1ª Ed. 171 p. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001



## ANEXOS

### Anexo 1 - Sinopse da Imperatriz Leopoldinense - Uma noite real no Museu Nacional

#### Introdução

#### O redescobrimento do Brasil

*O Brasil foi descoberto em 1500, mas, de verdade, só foi inventado como país em 1808, com a chegada da família real ao Rio de Janeiro. Até então, o Brasil ainda não existia.*

*Laurentino Gomes*

Ao desembarcar no Largo do Paço da cidade do Rio de Janeiro, em março de 1808, após uma longa viagem cruzando o Oceano Atlântico, a família real portuguesa trouxe, em sua bagagem, um propósito que transformaria definitivamente a então colônia brasileira, descoberta três séculos antes, que até aquele momento ainda não se reconhecia como Nação. O Brasil tinha uma população que beirava os três milhões de habitantes, mais da metade eram negros e índios, mal distribuídos em regiões praticamente isoladas umas das outras, com idiomas e costumes próprios. Excetuando o fato de todos estarem sob o poder de uma única coroa, não existia um sentimento de unidade, cidadania e identidade.

Dom João VI, através de seu empreendedorismo na criação de importantes instituições como o Arquivo Real, a Real Biblioteca, o Erário Régio e Jardim Botânico, começou a orquestrar um projeto civilizatório de país, introduzindo novos hábitos culturais e, com isso, modificando radicalmente o perfil colonial brasileiro. O país saía do ostracismo intelectual que lhe fora atribuído quando servia apenas como uma zona de exploração e extração de riquezas, para consolidar o poder monárquico no Novo Mundo. Nesse projeto civilizatório, uma peça importante seria um museu que pudesse, com seu acervo científico e antropológico, mostrar ao mundo a potência de um império sediado na América.

Para muitos, o precursor desse museu foi a Casa de História Natural, popularmente apelidada de Casa dos Pássaros, criada na cidade do Rio de Janeiro por determinação da Rainha D. Maria I, duas décadas antes da chegada da família real ao Brasil.

Tendo como finalidade "propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil", o Rei João VI cria, por decreto, no longínquo sábado, seis de junho de mil oitocentos e dezoito, o Museu Real, com o apoio decisivo da Arquiduquesa da Áustria, Carolina Josefa Leopoldina, esposa de D. Pedro e futura Imperatriz.

O Museu Real tornou-se Imperial e hoje é o nosso Museu Nacional que, no apogeu dos seus duzentos anos, continua sendo um alicerce de arte, ciência e cultura universais, motivo de orgulho para todos os brasileiros.

## Enredo

Pense em um palácio luxuoso e encantado construído no alto de uma colina, tendo como moldura um suntuoso jardim repleto de flores e pássaros descortinando uma paisagem deslumbrante. Dentro deste palácio ainda habitam o Rei, a Rainha, os príncipes e princesas que um dia foram os seus mais nobres moradores e hoje serão os cicerones imaginários de nossa visita ao grande museu que ali se instalou: o atual Museu Nacional. Naqueles salões cheios de lembranças, milhões de anos de história nos foram deixados como herança, permitindo que, ao conhecer o passado, possamos compreender o presente e idealizar o nosso futuro.

Dom João, o Rei, decretou a criação do Museu Real que nasceu sob a solidez e o brilho reluzente dos cristais, sua primeira coleção, e cresceu de maneira imponente através da astúcia, diplomacia e idealismo dos nossos Imperadores.

Podemos dizer que Pedro, o Primeiro, consolidou um Brasil com sentimento de nação unida e independente que já possuía maturidade para caminhar sozinha e se mostrar grandiosa diante do mundo. Em sintonia com o pensamento romântico de seu tempo, o outro Pedro, o Segundo, utilizou o museu como repositório das expedições que organizaria, visando escrever a história da nova nação, e como peça importante no processo de modernização do país, elevando o acervo a símbolo da ciência universal.

É importante ressaltar que ambos tiveram a ajuda significativa de suas consortes. Leopoldina, responsável por trazer da Europa, em sua comitiva nupcial, cientistas, artistas, naturalistas, botânicos e mineralogistas que constituíam a missão austríaca, e Teresa Cristina, a Imperatriz arqueóloga.

No delírio carnavalesco que tudo consente, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense a todos convida para uma jornada a um dos maiores museus do mundo. O Museu Nacional se enche de vida e abre suas portas para embarcarmos nessa viagem fantástica.

Cai a noite. Rompendo a fronteira do tempo e do espaço, meteoros cruzam o céu e nos ajudam a desvendar a origem da vida. A sutileza das plantas e dos corais contrasta com a força e a brutalidade dos gigantes que, um dia, dominaram o mundo. Representantes ilustres da megafauna brasileira, surgem, repentinamente, em nossa frente nos lembrando de que houve uma era em que o tamanho fazia toda a diferença.

A noite avança. Majestosas em suas cores e formas, as borboletas enfeitam nossa caminhada. Besouros, mariposas, cigarras e tantos outros insetos promovem uma orquestra sinfônica de zumbidos variados nos salões onde, antes, se ouvia o som dos violinos.

O grande palácio possui estilo neoclássico, com referências ao barroco e ao rococó, que se funde com o matiz selvagem da onça pintada e com as penugens dos tucanos e araras, expressando o tropicalismo original deste território que é proprietário de um dos mais belos santuários da fauna mundial, em suas terras, céus e mares.

A luz da lua atravessa as vidraças, em nosso caminho vemos um trono, presente do rei Adandozan do Daomé, marcando nossa entrada no continente africano com seus marfins, lanças, tambores e agogôs.



Chegamos ao Egito! Amuletos, múmias e sarcófagos nos revelam os segredos e mistérios das antigas civilizações, conduzindo-nos aos afrescos de Pompéia e ao torso nu da Deusa Vênus, legado do Império Greco-Romano.

A madrugada ainda esconde a aurora do Novo Mundo. Antes do Cristóvão, o Colombo, descobrir a América e de outro Pedro, o Cabral, chegar ao Brasil, este torrão já tinha dono.

Tribos indígenas de todos os cantos se fazem presente. Tem cerâmica Karajá, Marajó e Bororó. Cestaria Nambikwára, Máscara Tikuna e escudo trançado dos Tukano. Tem índio da mata e também do sertão. Índio que caça, que pesca e que dança. Tem índio até que come gente, quem diria?

De Lagoa Santa nas Minas Gerais surge Luzia, a mais antiga das brasileiras, revolucionando todas as teorias sobre a ocupação do continente americano.

Das terras andinas chegam os Incas adornados com penas de araras. Da Amazônia Equatorial surge o povo Jivaro, que se mistura aos Chancay, Chimú, Moche e Lambayeques, entoando cânticos sagrados com suas trombetas e flautas. A noite termina num espetáculo emocionante.

Os primeiros raios de sol iluminam o Jardim das Princesas, um monumento romântico decorado com guirlandas, conchinhas marinhas e mosaicos de porcelana inglesa, criado pelas mãos das nobres descendentes da Imperatriz Leopoldina. E é sob a luz dourada do amanhecer que os herdeiros da Imperatriz Leopoldina vêm abraçar essa verdadeira joia paisagística e abrir caminhos para o colorido das pipas que enfeitam o dia ensolarado, para a originalidade dos vendedores ambulantes e para a alegria do povo que se reúne em torno de toalhas estendidas nos gramados. O palácio é do povo! A Quinta do Imperador é de todos nós! O repositório do saber e da preservação se une à celebração popular da vida num encontro "antropológico" verdadeiro e essencial para nossa identidade cultural como povo e como Nação.

Reinando soberana no alto do Palácio Real, a coroa reluzente da Imperatriz festeja o bicentenário do Museu Nacional, berço que embala heroicamente a história das artes, da cultura e das ciências no Brasil!

Cahê Rodrigues  
Carnavalesco

Cahê Rodrigues e Dep. Cultural do GRESIL Pesquisa,  
desenvolvimento e texto.

Fontes e Referências Bibliográficas

SCHULTZ, Kirsten. Versalhes Tropical, Império, Monarquia e Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro (1808 - 1821)

LOPES, M. M., FIGUERÔA, S., KODAMA, K., SÁ, M. R., ALEGRE, M. S. P. Comissão científica do Império - 1859-1861

GOMES, Laurentino. 1808 Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e

mudaram a História de Portugal e do Brasil. 2007

História da ciência Luso-brasileira: Coimbra entre Portugal e Brasil (Imprensa da Universidade de Coimbra)

O MUSEU NACIONAL, Banco Safra, 2007.

RIBEIRO, A. I. M.- UNESP/Presidente Prudente. A contribuição da Imperatriz Leopoldina à formação cultural brasileira (1817-1826).

A Gazeta do Rio de Janeiro, Periódico (acervo Digital)

## Anexo 2 – Sinopse da Estação Primeira de Mangueira para o ano de 2019

HISTÓRIA PRA NINAR GENTE GRANDE é um olhar possível para a história do Brasil. Uma narrativa baseada nas "páginas ausentes". Se a história oficial é uma sucessão de versões dos fatos, o enredo que proponho é uma "outra versão". Com um povo chegado a novelas, romances, mocinhos, bandidos, reis, descobridores e princesas, a história do Brasil foi transformada em uma espécie de partida de futebol na qual preferimos "torcer" para quem "ganhou". Esquecemos, porém, que na torcida pelo vitorioso, os vencidos fomos nós.

Ao dizer que o Brasil foi descoberto e não dominado e saqueado; ao dar contorno heroico aos feitos que, na realidade, roubaram o protagonismo do povo brasileiro; ao selecionar heróis "dignos" de serem eternizados em forma de estátuas; ao propagar o mito do povo pacífico, ensinando que as conquistas são fruto da concessão de uma "princesa" e não do resultado de muitas lutas, conta-se uma história na qual as páginas escolhidas o ninam na infância para que, quando gente grande, você continue em sono profundo.

De forma geral, a predominância das versões históricas mais bem-sucedidas está associada à consagração de versões elitizadas, no geral, escrita pelos detentores do prestígio econômico, político, militar e educacional - valendo lembrar que o domínio da escrita durante período considerável foi quase que uma exclusividade das elites - e, por consequência natural, é esta a versão que determina no imaginário nacional a memória coletiva dos fatos.

Não à toa o termo "DESCOBRIMENTO" ainda é recorrente quando, na verdade, a chegada de Cabral às terras brasileiras representou o início de uma "CONQUISTA". E, ao ser ensinado que foi "descoberto" e não "conquistado", o senso coletivo da "nação" jamais foi capaz de se interessar ou dar o devido valor à cultura indígena, associando-a "a programas de gosto duvidoso" ou comportamentos inadequados vistos como "vergonhosos".

Comemoramos 500 anos de Brasil sem refazermos as contas que apontam para os mais de 11.000 anos de ocupação amazônica, para os mais de 8.000 anos da cerâmica mais antiga do continente, ou ainda, sem olhar para a civilização marajoara datada do início da era Cristã. Somos brasileiros há cerca de 12.000 anos, mas insistimos em ter pouco mais de 500, crendo que o índio, derrotado em suas guerras, é o sinônimo de um país atrasado, refletindo o descaso com que é tratada a história e as questões indígenas do Brasil. Não fizeram de CUNHAMBEMBE - a liderança tupinambá responsável pela organização da resistência dos Tamoios - um monumento de bronze. Os índios CARIRIS que se organizaram em uma CONFEDERAÇÃO foram chamados de BÁRBAROS. Os nomes dos CABOCLOS

que lutaram no DOIS DE JULHO foram esquecidos. Os Índios, no Brasil da narrativa histórica que é transmitida ainda hoje, deixaram como "legado" cinco ou seis lendas, a mandioca, o balanço da rede, o tal do "caju", do "tatu" e a "peteca".

Levando em conta apenas pouco mais de 500 anos, a narrativa tradicional escolheu seus heróis, selecionou os feitos bravios, ergueu monumentos, batizou ruas e avenidas, e assim, entre o "quem ganhou e quem perdeu", ficamos com quem "ganhou." Índios, negros, mulatos e pobres não viraram estátua. Seus nomes não estão nas provas escolares. Não são opções para marcar "x" nas questões de múltiplas escolhas.

Deram vez a outros. Outros que, por certo, já caíram nas suas "provas". Você aprendeu que os "BANDEIRANTES" - assassinos e saqueadores - eram os "bravos desbravadores que expandiram as fronteiras do território nacional". DOM PEDRO, o primeiro, você "decorou" que era o "herói" da Independência, sem que as páginas dos livros contassem a "camaradagem" de um "negócio de família" tão bem traduzido pela frase do PAI do Imperador, que a ele orientou: "ponha a coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça". Convém esclarecer aqui que os "aventureiros" citados por DOM JOÃO éramos nós, brasileiros, e que a "independência" proclamada - ou programada - foi para evitar que tivéssemos aqui "aventureiros" como Bolívar ou San Martín, patriarcas bem-sucedidos das "independências" que não queriam por aqui.

Como "CABRAL", o "ladrão", que roubou o Brasil lá pelas bandas de mil e quinhentos, ou PEDRO I, que através de um acordo "mudou duas ou três coisas para que tudo ficasse da mesma forma", tem também o Marechal, o DEODORO DA FONSECA, homem de convicções monarquistas - amigo pessoal do Imperador PEDRO II - autor da proclamação de uma República continuísta - sem participação popular - traduzida em golpe e que, na ausência de líderes, mandou "pintar" um retrato do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES, na tentativa de produzir "um personagem pra chamar de seu".

Se a República foi "golpe", conclui-se que "golpe" no Brasil não é novidade. Nem é novidade que a natureza dos "golpes" ainda esteja mal contada. A rodovia CASTELO BRANCO "corta" São Paulo com "nome de batismo" em homenagem ao primeiro general "do GOLPE DE 1964". Para cruzar a Baía da Guanabara em direção a Niterói, lá está a ponte PRESIDENTE COSTA E SILVA, o mesmo que fechou o Congresso Nacional e aditou o AI-5 suspendendo todas as liberdades democráticas e direitos constitucionais. Em Sergipe, em dias de jogos, a bola rola no estádio PRESIDENTE MÉDICI, o general dos "ANOS DE CHUMBO", do uso sistemático da tortura e dos violentos assassinatos. Nas ruas - por terem lido um livro que "ninou" e não "ensinou" falando da suspensão dos direitos humanos, da corrupção e dos assassinatos cometidos no período - aparecem faixas para pedir "intervenção militar", décadas depois da redemocratização.

Sem saber quem somos, vamos a "toque de gado" esperando "alguém pra fazer a história no nosso lugar", quiçá uma "princesa", como a ISABEL, a redentora, que levou a "glória" de colocar fim ao mais tardio término de escravidão das Américas.

Nunca esperamos ser salvos pelos tipos populares que não foram para os livros. Se "heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação" a construção de uma narrativa histórica elitista e eurocêntrica jamais concederia a líderes populares negros uma participação definitiva na abolição oficial. Bem mais "exemplar" a princesa conceder a liberdade do que incluir nos livros escolares o nome de uma "realeza" na qual ZUMBI, DANDARA, LUIZA MAHIN, MARIA FELIPA assumissem seu real papel na história da liberdade no Brasil.

O fato é que a atuação de "gente comum", ou mesmo a incansável luta negra organizada em quilombos, em fugas, no esforço pessoal ou coletivo na compra de alforrias e em revoltas ou conspirações, já enfraqueciam o sistema escravocrata àquela altura. Entretanto, ensinar na escola o nome de "CHICO DA MATILDE", jangadeiro, mulato pobre do Ceará (líder da greve que colocou fim ao embarque de escravos no estado nordestino, levando-o à abolição da escravidão quatro anos antes da princesa ganhar sua "fama" abolicionista) não serviria à manutenção da premissa de que as conquistas sociais resultam de concessões vindas "do alto" e não das lutas. A história de CHICO DA MATILDE era inspiradora demais para o povo. Não à toa, seu nome não está nos livros.

Esses nomes não serviram para eles. Para nós, eles servem. Para nós, sentinelas dos "ais" do Brasil, heróis de lutas sem glórias ainda deixados "de tanga" ou preso aos "grilhões", eles são as ideias que usaremos para "gestar" o que virá. "Engravidados" de novas ideias, jorrará leite novo para "amamentar" os guris que virão. Sabendo outra versão de quem é o Brasil, - não a que nos "ninou" para quando fôssemos adultos - sabendo que CABRAL "invadiu" e que, ao invés de quinhentos e dezenove anos, somos brasileiros há quase doze mil anos

Conhecendo CUNHAMBEBE, a CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS, cientes da participação dos CABOCLOS na luta do 02 DE JULHO NA BAHIA, e sabendo que os índios lutaram e resistiram por mais de meio século de dominação, talvez se orgulhem da porção de sangue que faz de TODOS NÓS, sem exceção, índios. Sabendo que a "bondosa" princesa Isabel deu vez a "Chico da Matilde", "Luiza Mahin" e "Maria Felipa", é possível que reconheçam em si a bravura que vive à espreita da hora de despertar e aí, talvez, o "gigante desperte sem ser para se distrair com a TV".

Cientes de que nossa história é de luta, teremos orgulho do Brasil. Alimentados de leite novo e bom, varreremos de nossos "porões" o complexo de "vira-latas" que fomenta nossa crença de inferioridade. Veremos tanta beleza na escultura de ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA quanto no quadro que eterniza o sorriso da Monalisa. Nos orgulharemos do "tupi" que falamos - mesmo sem saber. Daremos mais cartaz ao saci do que à "bruxa". Brincaremos mais de BUMBA MEU BOI, CIRANDA E REISADO. Nossas crianças enxergarão tanta coragem no CANGACEIRO quanto no "cowboy". Vibraremos quando SUASSUNA estreiar em "ROLIÚDE" sem tradução para o SOTAQUE de João Grilo e Chicó. Não estranharemos caso o Mickey suba a ESTAÇÃO PRIMEIRA, troque "my love" por

"minha nêga" e mande pintar o "parquinho" da Disney com o VERDE E O ROSA DA MANGUEIRA.